

PLANO DE FOMENTO AGRÁRIO

**INQUÉRITO AGRÍCOLA
E
FLORESTAL**

**CONCELHO
DE
SANTIAGO DO CACÉM**

1951

INSTITUTO DE GESTÃO E ESTRUTURAÇÃO FUND.

BIBLIOTECA

N.º 2837 Ref. P

Folha n.º

PLANO DE FORMAR O AGRÁRIO

INQUÍSIZÃO AGRÍCOLA E PLORRAGAL

A.O.

CONSELHO DE SANTOAGO DO CAYPI

Realizado por:

V. Cardoso Valente - engenheiro agrônomo

R. Forre Turfo - engenheiro silvicultor

DGOKtural	D.S. Planeamento DDTI
Monografia n.º 18891-Vol. 220	
Data de Entrada 26/6/06	
COTA	

ÍNDICE

ESTUARIA FERTIL: INQUÍSITO AGROPECUÁRIO

	Pág.
I - Características gerais	
A - <u>Situação</u>	3
B - <u>Características físicas</u>	4
a) - Topografia	4
b) - Ecologia	9
c) - Agrologia	7
d) - Usos agrários	8
C - Águas	13
a) - Obras de água e lagos	13
b) - Outros recursos aquáticos	15
D - <u>Vias de comunicação</u>	19
a) - Vias a construir	19
b) - Enestegos de transporte	21
II - Projeto农地	
A - <u>Culturas e técnica cultural</u>	22
a) - Plantas cultivadas ou cultiváveis, sua importância relativa e finalidades	22
b) - Afloamentos e rotacões tipo	25
c) - Técnica cultural	26
B - <u>matéria orgânica</u>	46

	Pág.
a) - Desfraldas	47
b) - Lixos	48
c) - Alteração	49
d) - Outras fontes de matéria orgânica	50
C - <u>animais e níveis agrícolas</u>	51
D - <u>Doenças e pragas</u>	55
E - <u>Indústrias agrícolas</u>	55
a) - oleicola	55
b) - vinícola	56
c) - Indústria derivadas da fruta e dos produtos hortícolas	59
d) - Apicultura	60
e) - Perlicultura	61
f) - Indústrias agrícolas do carácter familiar	62
g) - Outras indústrias agrícolas	63
F - <u>Quantidades e valores</u>	
a) - Quantidades unitárias do cesteado	62
b) - produções unitárias médias	65
c) - Equivalência das medidas conselhadas	66
III - PRODUTO E CONSUMO	
A - <u>Produtos agrícolas que o concelho produz e não produz</u>	70
B - <u>Produções locais em quantidade insuficiente</u>	70

	Pág.
C - Produtos em processo	70
D - Produtos e artigos importados, necessários à Indústria parfumaria	70
 IV - GESTÃO DOS PRODUTOS ADUANEIROS	
A - Modalidades	71
B - Variáveis do destino e suas tantâncias	75
C - Ação nos organismos controladores	75
 V - TRABALHO AGRÍCOLA	
A - Salários	75
B - Movimentos migratórios periódicos	79
C - Crises de trabalho	81
 VI - A PROPRIEDADE E A EXPLORAÇÃO	
A - Tipos de propriedade	85
B - Valores variais rústicos	89
C - Formas de exploração	90
 VII - COMUNIDADES RURAIS	
A - Aldeias	95
B - Municípios	95

C - Alojamento de animais	96
--	-----------

CONCEITO RÁPIDO: INVENTÁRIO FLORÍSTICO

I - IMPORTÂNCIA FLORÍSTICA DO CONCELHO

A - Importância e situação das espécies florestais ..	96
B - Importância e situação das espécies dispersas ou constituinte povoados da área muito reduzida.	101
C - Importância económico-social da silvicultura ...	102

II - A VIDA RÁPIDA E A HOMENAGEM FLORÍSTICA
--

A - Conceito regional da extensão da propriedade florestal	103
B - Fábrica cultural amparada	107
C - Explorando	108

III - APROXIMAÇÃO: TRANSFORMAÇÃO CULTURAL, PRODUTOS E BALDÍOS
--

A - Transformação cultural	101
B - Incultos	102
C - Baldios	102

PAG.

IV - FISILOGIA DE PLANTAS MEDICINAIS-CARROUJO TORRE D'OLIVEIRA

V - ABSORTOS DIVERSOS

EDUCACAO PRACTICA DO ARCEBISPO DO CONCELHO

I - CONSTITUCAO DO BOLSO	150
II - ANORQUISSAO	150
III - AGUAS	150
IV - DISTRIBUICAO CUSTOSA	150
V - GASTOS DIVERSOS	150
VI - CONSUMO DE ALIMENTO	150
VII - INDUSTRIAS AGRICOLAS	150
VIII - DIVERTIMENTOS	150

P R I M E R A Z A R T E

I N S U R E R I O - A G R O N O M I C O

I - CARACTERÍSTICAS GERAIS

A - Situação

O concelho de Santiago de Cacém situa-se na província do Baixo Alentejo, distrito de Setúbal e é limitado:

- a Norte pelo concelho de Grândola
- a Sul pelos concelhos de Sines, Odemira, Ourique e Aljustrel
- a Este pelos concelhos de Aljustrel e Ferreira do Alentejo
- a Oeste pelo Oceano Atlântico e pelo concelho de Sines.

Tem nove freguesias, com as seguintes áreas aproximadas:

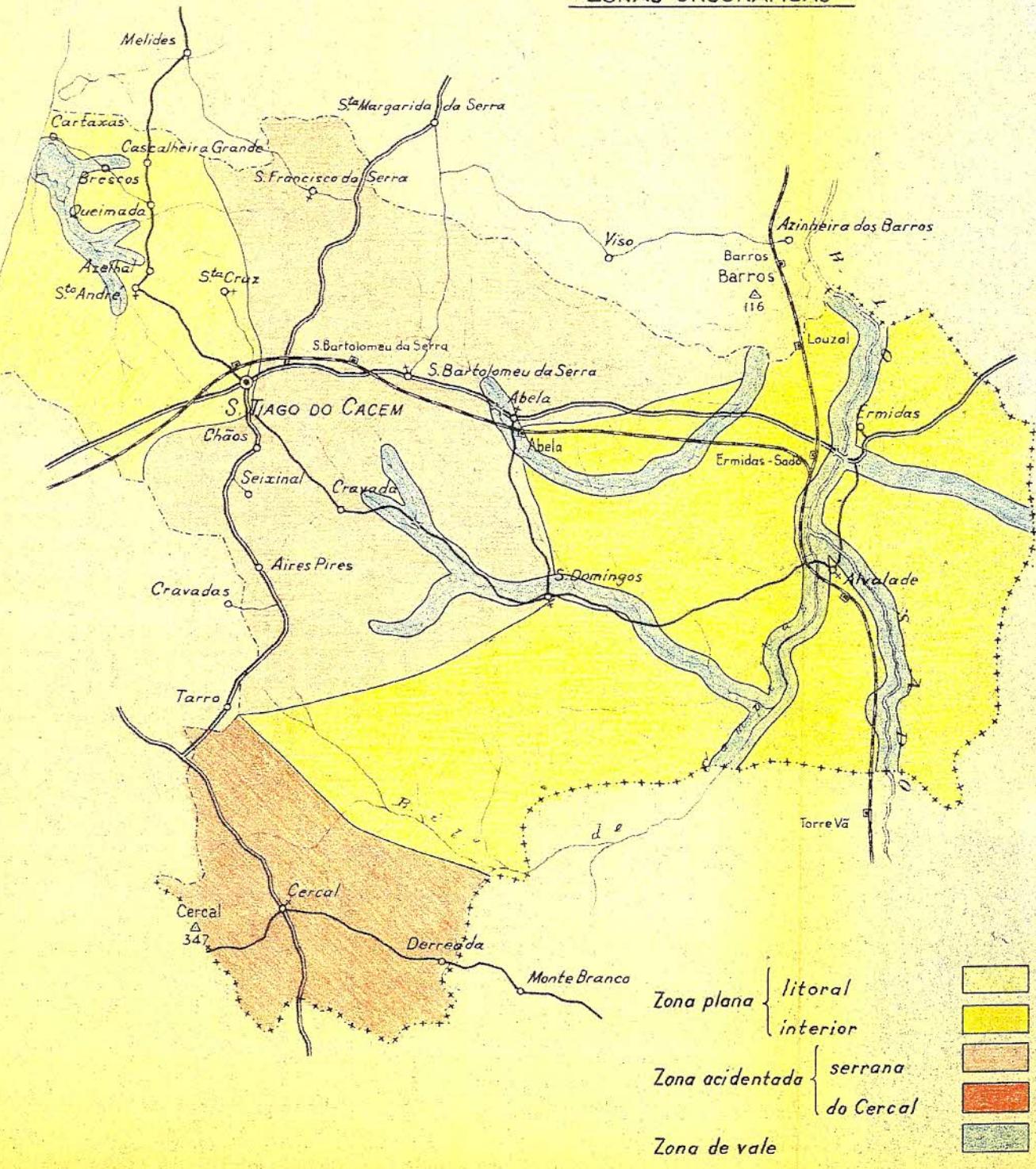
Quadro I

Freguesia	Área Ha ⁽¹⁾	% do total
Abeia	18.744	12.9
Alvalade	29.506	20.1
Cercal	18.763	12.9
Santa Cruz	2.611	2.4
Santo André	7.435	7.0
S. Domingos	21.181	15.6
Santiago	12.984	12.1
S. Bartolomeu	6.486	6.1
S. Francisco	5.084	4.7
Total	166.638	100,0

(1) - Do Boletim da Direção dos Serviços de Agricultura, 1994.

CONCELHO DE SANTIAGO DO CACEM

ZONAS OROGRÁFICAS



DES SPIRES

Escala - 1:250.000

3 - Características fisiográficas

a) - Topografia

O geograficamente o concelho pode definir-se pelas seguintes zonas:

I - Plana - constituída por duas sub-zonas: a do litoral e a interior.

- Sub-área do litoral: com fácies mais ou menos uniforme e em que a maior altitude se encontra nas dunas do litoral. É atravessada por algumas linhas de água de margens inundáveis, durante a época das chuvas. É limitada:

a Norte pelo concelho de Grândola

a Sul pelo de Sines

a Este pela linha que parte do Maquilhão, no Barreiro da Encalheira, passa por Santa Cruz, estação de Santiago e termina em Vale Govilhã

a Oeste pelo mar

- Sub-área do interior: apresenta aspecto mais ou menos uniforme, fracamente ondulado, cortado em vários sentidos por linhas de água, afluentes do rio Sado, com extensos terrenos argilosos. Tem por limites:

Norte os concelhos de Ferreira e Grândola

Sul os concelhos de Aljustrel, Ourique e Odemira

I - Os concelhos de Ferreira do Alentejo e Aljustrel

Este é a linha que parte próximo a Fuso, na estrada de Odemira e termina junto da lagoa do Jugo.

II - Accidentada - apresenta aspecto multiforme, podendo ser dividida em duas sub-zonas características:

- Sub-zona de Corteal: praticamente definida pela região agrícola do mesmo nome e onde se encontra o ponto de cota mais elevado do concelho. Com exceção da serra da Serpa, de ondinas encadadas e vales apertados, a planície é formada por pequenos círculos arredondados e de vales largos.

- Sub-zona serrana: constituida pelas serras de Santiago e parte da de Cidadela e anexas. Esta sub-zona é mais acidentada e que a anterior é percorrida em todos os sentidos por linhas de água mais ou menos apertadas formando "farratões" em que os cumes das elevações são mais enxugados e as encostas bastante de oliveiras.

III - De Vale - inclui as verzeas das ribeiras afueltas do rio Sado, as margens junto à foz das ribeiras da Gencalheira, Barranco e Padosa e parte do leito da lagoa de Santa Maria.

Quadro II

Zonas e sub-zonas	% da área concelhia
I - <u>Plana</u>	
-litoral	11,5
-Interior	<u>40,7</u> 58,2
II - <u>Acidentada</u>	
-Do Cereal	9,7
-Serrana	<u>30,2</u> 39,9
III - <u>Do Vale</u>	<u>7,9</u>
	100,0

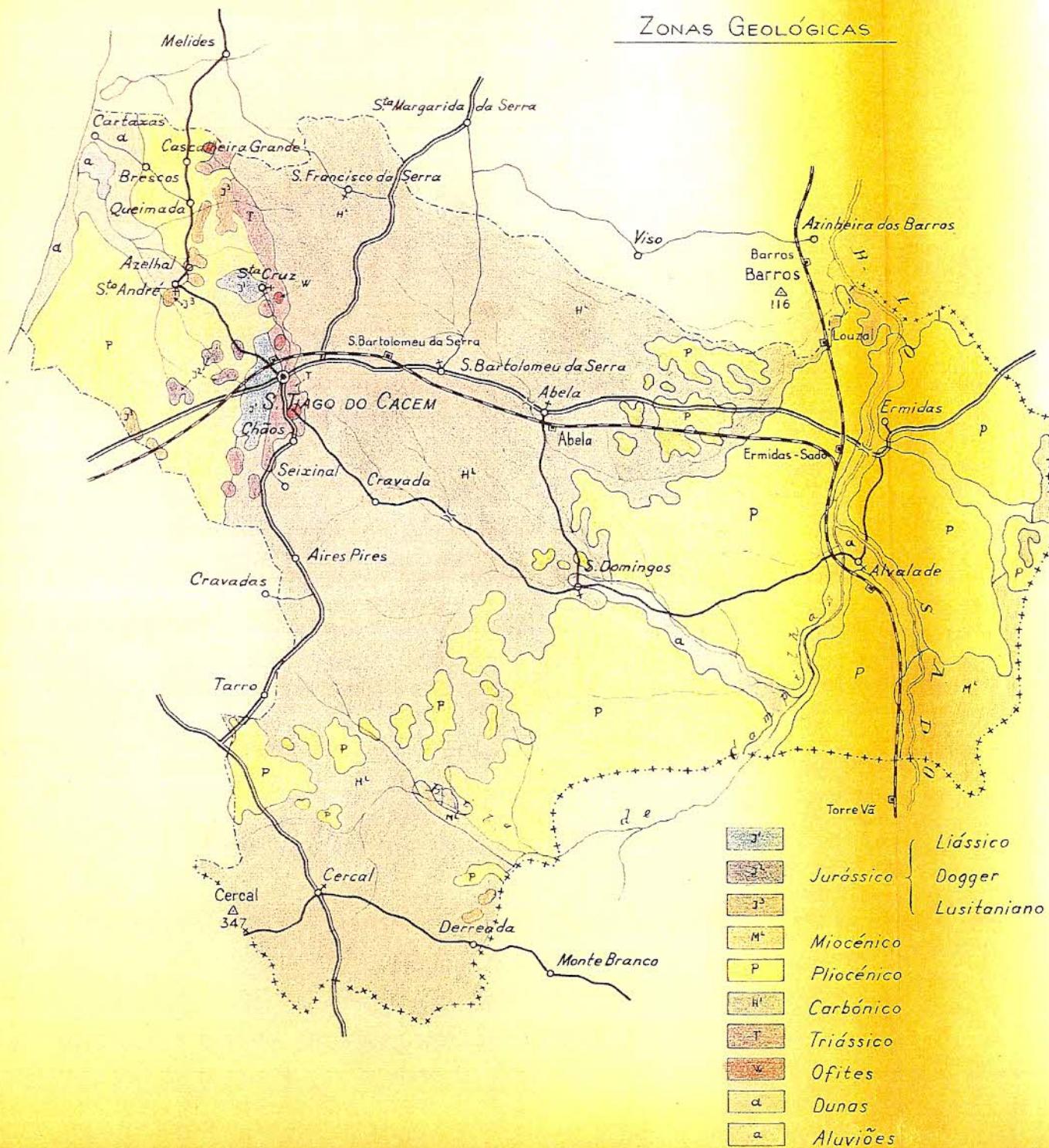
As altitudes verificadas não as que constam do quadro III, seguinte:

Quadro III

Zonas e sub-zonas	Altitudes m.			Observações
	Máxima	Média	Mínima	
Plana				
-do litoral	150 (1)	52	0 (2)	(1)-Junto à estação de Santiago
-do Interior	150 (3)	97	35 (4)	(2)-nas praias do litoral. (3)-Junto ao Vale da Rosa do Meio
Acidentada				
-serrana	220 (5)	200	100	(4)-Na herdade do Congueiro
-do Cereal	330 (6)	160	98 (7)	(5)-No monte de S.Lisante
Do Vale	100 (8)	48	0 (9)	(6)-No "ponto" do Cereal (7)-Junto ao Cordeiro (8)-No Vale do Corono (9)-Santo André

CONCELHO DE SANTIAGO DO CACEM

ZONAS GEOLÓGICAS



Escala - 1:250.000

b)-Geologia

As formações geológicas existentes no concelho, bem quanto as suas superfícies, constam porcentualmente no seguinte:

Quadro IV

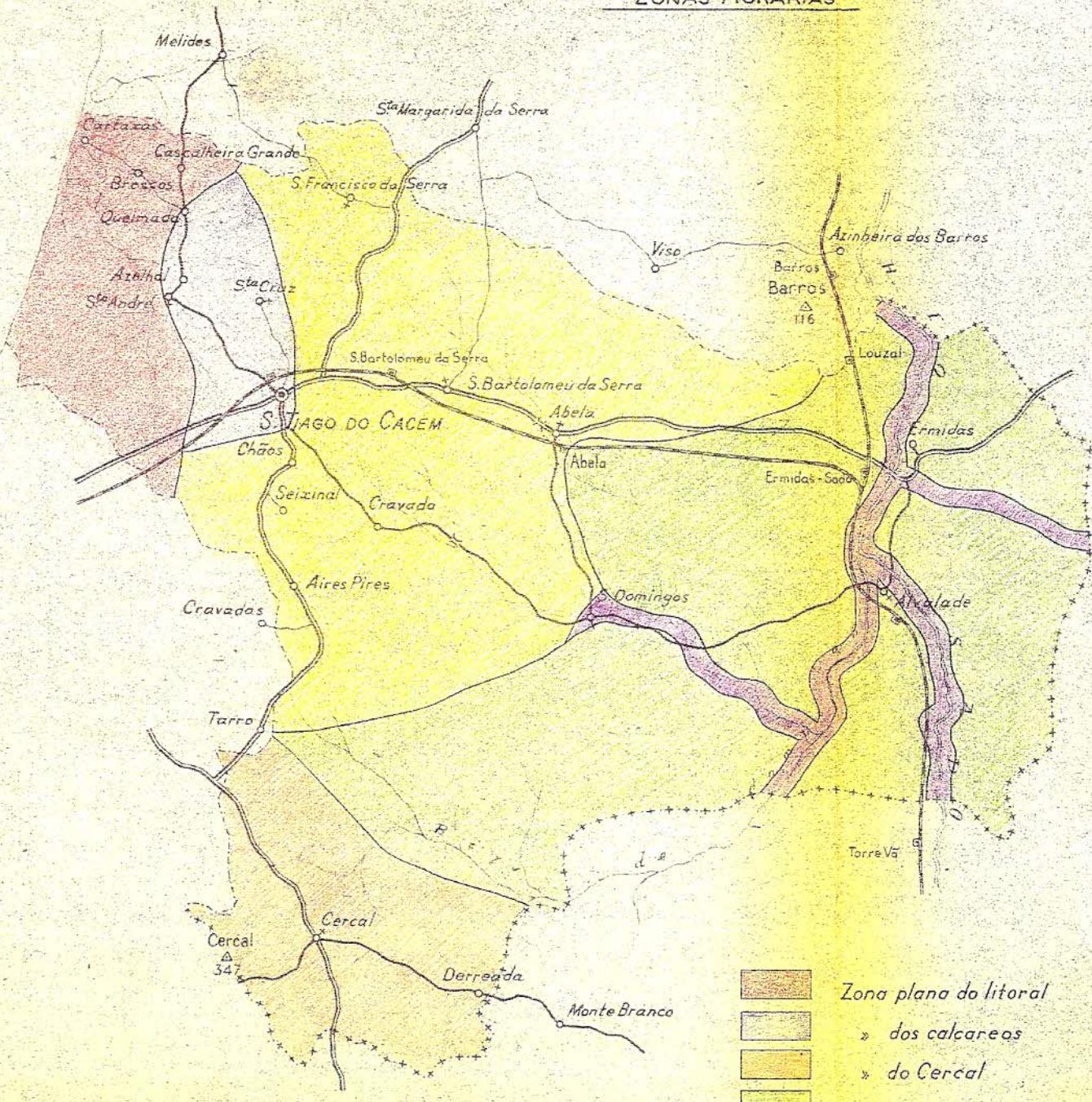
Formações geológicas	% da área concelhia
Paleozoico	
-Carbónico inferior	<u>41,8</u> 41,8
Mesozoico	
-Malm inferior	1,1
-Dogges	1,0
-Liás	1,0
-Infracálio e triásico	1,0
-Afites do triásico	<u>0,2</u> 4,4
Neozóico	
-Miocénico lacustre	3,9
-Pliocénico	<u>45,6</u> 47,5
Quaternário	
-Aluvídeas	4,5
-Dunas	<u>2,3</u> 6,6
Total	100,0

c)-Agrologia

Com exceção das dunas do litoral e dos aluvídeas marginais de alguns cursos de água, os solos são de formação local, geralmente pouco profundos, excepto alguns situados na sub-area

CONCELHO DE SANTIAGO DO CACEM

ZONAS AGRÁRIAS



- | |
|-----------------------|
| Zona plana do litoral |
| » dos calcareos |
| » do Cercal |
| » plana do interior |
| » dos aluviões |
| » accidentada |

Escala - 1:250.000

arenosas do interior e do literal e os de origem aluvional.

Quanto à textura podem distribuir-se, aproximadamente, da seguinte forma:

Arenosas.....	48%
Franco arenosas..	44%
Frances.....	5%
Argilosas.....	3%
Total.....	100%

a)-Zonas agrárias

Dada a multiplicidade de aspectos agrícolas do concelho podemos divisí-lo em 6 zonas agrárias, apoiadas nas diferenças do seu fatores cultural. São elas:

I - no Literal: assenta sobre formações terciárias do plio-cénico e quaternárias, aluviões e dunas marítimas; é limitada a Norte, pela freguesia de Melindes - concelho de Grândola;

a Sul, pelo concelho de Sines;

a Este, pela linha sinuosa que nasce próximo da Palheira Nova, passa junto de Pedrogão, Azinheira e Canastre, terminando perto de Vale Gavilho, no limite com o concelho de Sines.

Nesta zona encontram-se muitos incultos e os principais culturas são: florestal (árvore e pinhal) arroz, vinha, culturas secundárias de sequeiro e hortícolas e algumas pomares.

II - Dos solos calcáreos: assenta sobre terrenos mesozoicos do Doges, lídis, infralídis, triásico com afites, paleozoicos do Caim e Cenozoicos do Pliocénico.

É limitada:

a Norte, pela ribeira do Barranco

a Sul, pela linha que parte junto do Monte da Pita até Bonfim, passando pelo ponto da Fatiota

a Este, por uma linha de alturas que principia próximo da moinha do Tio Chino passa junto da Ribeira do Cartelo, para terminar nas proximidades do Monte da Pita.

É caracterizada pelo aparecimento de muitos afloramentos de rocha calcária à superfície. As culturas principais são: pão de cítricos e outros, olivais, culturas arvense e hortícola, florestais, etc.

III - Do Cascal: assenta nas formações do xisto quartzo-argiloso do carbónico inferior, microdómico lacustre e pliocénico. É limitada:

a Norte, por uma linha que parte de Tano, a Oeste, segue em linha mais ou menos sinuosa até à lagoa do Junco, junto ao ribeiro de Campilhas

a Sul e Este pelo concelho de Odemira

a Oeste, pelo concelho de Sines.

As elevações da Serra do Cascal protegem esta zona dos ventos do mar e que, conjuntamente com outros factores locais,

lhe imprime determinado carácter de individualidade. As culturas predominantes são: cereais praguados de sequeiro e montado de sobreiro. De maneira geral a cultura do pomocultivo, principalmente a macieira, bem como a do pessegueiro e a do castanheiro, encontra aqui boas condições de adaptação.

Dadas as suas condições mesológicas, ainda por explorar, esta zona deve merecer da parte dos serviços oficiais especial atenção.

IV - Plana e arenosa do interior: assenta sobre formações do pliocénico, miocénico lacustre e carbonífero inferior. É cortada em vários sentidos pela zona agrária V que adiante se descreve. É limitada:

a Norte, pelos concelhos de Grândola e Ferreira
a Sul, pelos concelhos de Aljustrel, Ourique e Cenamira e parte da zona do Cereal

a Este, pelos concelhos de Ferreira de Alentejo e Aljustrel

a Oeste, por uma linha que parte do Espinhoso do Cão-Loural e passa junto do Outeiro da Raposeira, Estação de Abela, Serra do Corte, Ribeirinha, Alcaria Nova e termina próximo da Vila no limite da zona do Cereal e concelho de Sines.

Predominam aí o montado de sobreiro e azinheira, a cultura arvense de sequeiro e o pasto longo.

V - Dos aluviões do Sado e afluentes: assenta sobre formações quaternárias e é formado pelos terrenos marginais, de fertilidade elevada da Ribeira de Campilhas, S. Domingos, S. Ronão, Roxo e rio Sado. A sua área aproximada é de 4.500 hectares.

As principais culturas são: arroz, milho, fava, trigo, cevada e algumas forragens. As possibilidades agrícolas desta zona estão convenientemente estudadas pelo Posto de Culturas Regadas de Alvalade, da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas.

VI - Acidentada: assenta sobre formação xistosa do carbonífero inferior. É limitada:

a Norte, pelo concelho de Grândola

a Sul, pela zona B e concelho de Sines

a Este, pela zona IV e

a Oeste, pela zona dos calcáreos e arenosa do litoral.

Predominam: o montado de sôbro e os praganhos de sorgo.

Quadro V
Zonas agrárias

Zonas	% da área concelhia
Plana de litoral	11,3
Dos calcáreos	4,9
Do Gerçal	10,7
Plana de interior	59,1
Dos aluviões	2,8
Acidentada	31,4
Total	100,0

0 - Águas

a)-Cursos de água e lagos

As águas fluviais deste concelho escoam-se, directamente para o mar ou para as duas principais bacias hidrográficas:

- do Sado
- da Lagoa de Santo André

A bacia hidrográfica do Sado pertence os seguintes e mais importantes cursos de água, que têm origem no concelho e sólamente o atravessam em maior ou menor extensão:

- ribeira do Porto
- " " do Rorizo
- " " de Messejana
- " " de Campilhas
- " " de S. Rosário (curso superior do Sado)
- " " de S. Domingos
- " " de Corona

A lagoa de Santo André vê escoar as seguintes e principais linhas de água, de importância inferior a qualquer das da bacia do rio Sado.

- ribeira da Cascalheira
- " " do Barranco
- " " do Fornoço
- " " do Azinhal

- ribeira da Ribeira
- " da Maria da Horta

A primeira pertence mais de 85% da área do concelho, distribuindo-se os restantes pelas linhas de água que desaguam directamente no mar, nas lagoas da Bancha e de Santo André.

Dos cursos de água indicados, apenas as ribeiras de S. Romão, Roxo, Corona, Cassalheira, Barranco e Fornoco são de regime permanente, cujos caudais, próximo da foz e na época da estiagem, são aproximadamente:

ribeira de S. Romão.....	45 l/segundo
" do Roxo.....	50 l/ "
" da Corona.....	30 l/ "
" da Cassalheira...	30 l/ "
" do Barranco.....	30 l/ "
" do Fornoco.....	20 l/ "

Esta água é aproveitada na rega das terras marginais e como força motriz, nas azambas.

Mesmo nos cursos de água de regime temporário o seu aproveitamento é idêntico, pelo menos durante parte do ano, controlando a rega ao longo do estio com as águas repressadas.

Em todas as linhas de água se constroem açudes, destinados à rega de pé, instalações de bombas ou de picetas. A maioria destes repressamentos são de duração temporária, isto é, construindo no princípio do estio e desaparecendo com as primícias.

chuvas, ou pela ação directa do homem ou pela impetuosidade da corrente. No curso superior da ribeira de Campilhas está a construir-se uma barragem de terra batida, destinada a abastecer o regadio cerca de 8.000 hectares das suas margens e das de S. Domingos. Os terrenos marginais da ribeira de Campilhas são totalmente beneficiados pela citada obra mas na ribeira de S. Domingos o regadio só é implantado a jusante da Aldeia do mesmo nome.

Em 1950 foi construída num dos afluentes daquela dívida ribeira, uma albufeira destinada a represar água para regar cerca de 200 hectares para as culturas de arroz e de milho que, num futuro próximo, virão a beneficiar das águas armazenadas pela barragem da ribeira de Campilhas.

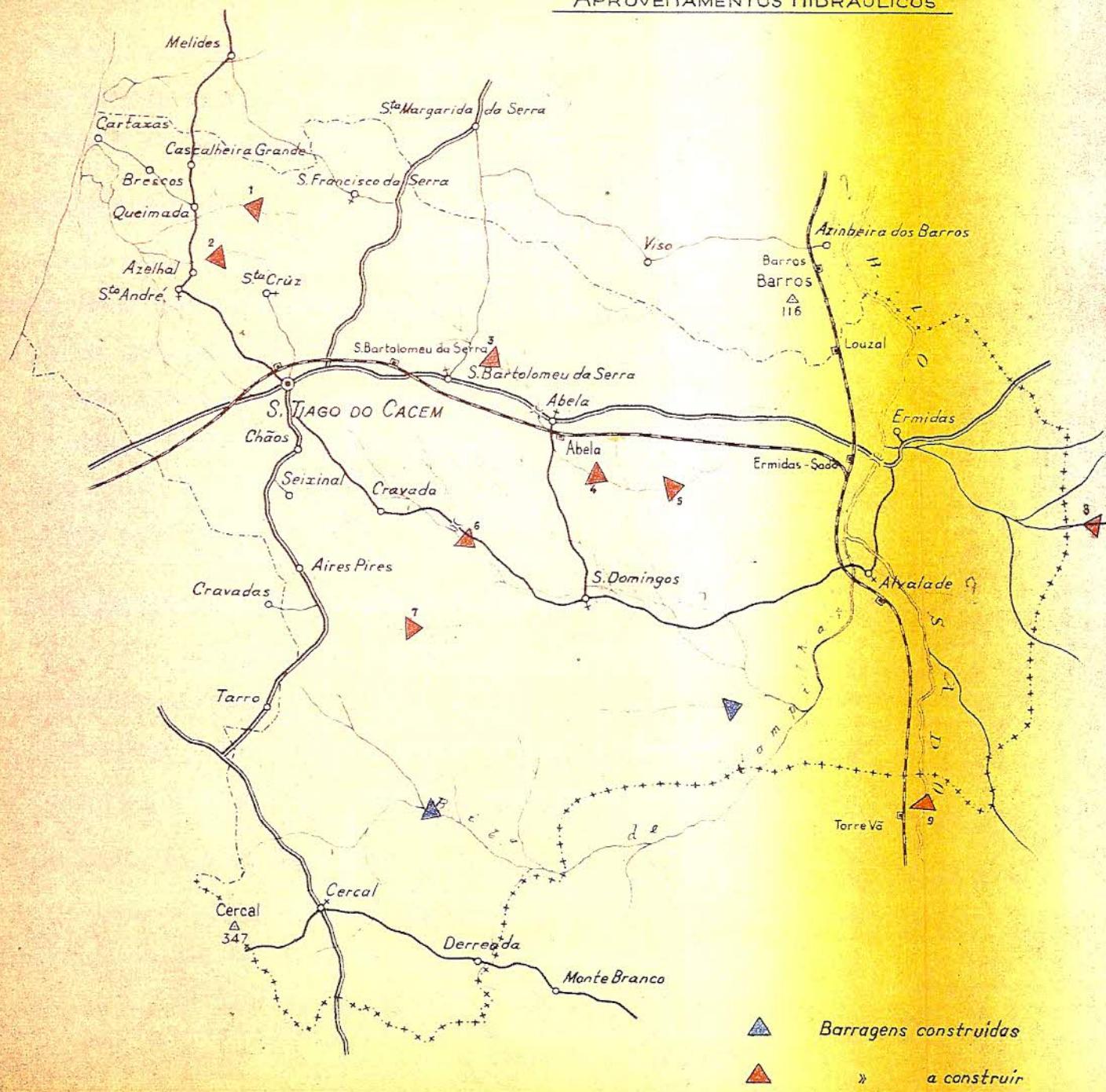
Numerosas áquedas necessitam ser melhoradas, especialmente pela transformação de temporários em permanentes, o que poderá conseguir-se, satisfatoriamente, com pilares encastrados e comportas anováveis, durante a época em que as cheias são de recorrer a, enquanto não se dá solução definitiva à regularização do seu regime torrencial.

A regulamentação do regime de rega dos terrenos que aproveitam a água aquedada ou livre das ribeiras, torna-se necessária e urgente, desde já, no curso inferior da ribeira de S. João.

As linhas de água referidas, formam terras marginais que permitem o aproveitamento das águas que por elas passam na época das chuvas para o que bastaria proceder-se à construção e

CONCELHO DE SANTIAGO DO CACEM

APROVEITAMENTOS HIDRÁULICOS



Escala - 1:250.000

de barragens albufeiras ou açudes, que retivessem a água em quantidades suficientes para a época de escassez das chuvas. Algumas dessas possíveis realizações estão esquemáticamente anotadas no esboço anexo, indicando-se em seguida o tipo de cada uma, bem como a sua área aproximada.

Aproveitamento nº 1:

Situa-se no ribeiro do Barranco, continuação do Livramento. Será uma construção em alvenaria, que ofereça a possibilidade de ser galgada. Com a água ali repressada pode subastar-se ao regadio cerca de 100 hectares e, ao mesmo tempo, regularizar-se a distribuição de água nos terrenos já explorados em regime nos quais as culturas, por vezes, se perdem nos períodos críticos por esta falta.

Aproveitamento nº 2

No ribeiro do Azinhal há possibilidade de construir uma albufeira com muro de apoio de alvenaria, galgável. Com a água disponível podem regar-se cerca de 180 ha., ao mesmo tempo que terá função reguladora, para os regadios existentes.

Aproveitamentos nºs. 3, 4 e 5

São açudes-represas, de maiores ou menores dimensões, a instalar na ribeira da Corona, em que é possível subastar ao regadio cerca de 400 ha. situados nas duas margens.

Aproveitamento nº 6

Sobre a ribeira de S. Domingos, ou no afluente do cui-

so superior, pode construir-se uma albufeira, com capacidade de armazenamento susceptível de regar 100 ha de terras aluviais, localizadas nas margens da ribeira, a montante da povoação de S. Domingos.

Aproveitamento nº. 7

Num afluente da ribeira de S. Domingos, designado por Ribeirinha, talvez seja execuível a construção dumha albufeira de terra batida, permitindo regar cerca de 100 ha a jusante da embra e nas margens da ribeira.

Aproveitamento nº. 8

Situa-se no concelho de Aljustrel sobre um dos braços da ribeira do Rato que não recebe água com saíde de cobre, proveniente da lavagem dos minérios explorados naquele concelho. Trata-se de uma albufeira de terra batida, com possibilidade de regar cerca de 200 ha no concelho de Santiago de Cacém.

Aproveitamento nº. 9

É, entre todos os apontados, o de maior importância, localizando-se no caçueo superior do rio Sado (Ribeira de S. Romão) no concelho de Ourique. Será uma barragem média ou grande, talvez com possibilidade de aproveitamento hidro-eléctrico, podendo a área beneficiada no concelho de Santiago de Cacém atingir, aproximadamente, 1.200 ha situados nas margens da Ribeira de S. Romão, Menegiana e rio Sado.

As características de torrencialidade de todas as 11-

nhas de águas referidas previa, por um lado, da desarborização de parte do concelho e limítrofes e, por outro, do acidentado do terreno. Deste modo se conclui que é necessário proceder à correção torreacial dos cursos de água, em todo o seu percurso ou, sómente, nos cabeceiros de alguma.

Os cursos de água com margens planas tendem a divergir quando o volume das águas aumenta, pelo que se torna necessário proceder à sua regularização. Este trabalho é presente e exigiu intervenção imediata na ribeira de S. Rondão, junto à nova ponte de Alvalade, onde as águas, nas grandes cheias, procuram abrir novo leito, paralelo ao actual, arrasando extensa superfície cultivada e de grande fertilidade.

Rd. Junto à costa Atlântica, um lagoa - de Santo André - localizada na freguesia do mesmo nome e que está explorada unicamente pela sua riqueza piscícola. Recebe água do mar apenas durante os temporais mais intensos, pelo que o seu teor salino é, geralmente, bastante baixo. Cobre a área de 350 hectares. Devido à baixa profundidade, aos materiais arrastados pelas águas dos ribeiros tributários, e por ser intensa a colonização, o actual leito tende a desaparecer com os anos. Por este motivo poder-se-ia tentar a antecipação do seu aproveitamento agrícola, provocando o total cegonamento, o qual se obtém através dum eixo ou de ligação directa com o mar, em galeria ou tubagem unidas de comportas automáticas.

b) - Outros recursos aquíferos

Existem espalhados por todo o concelho, poços de maior ou menor profundidade, charcos artificiais, nascentes e poços artesianos. Destes, só encontrámos um conjunto fornecendo bateria pertencente ao mesmo proprietário, fazendo parte dum único aproveitamento agrícola.

As áreas beneficiadas por qualquer outras captacões, são diminutas em cada caso; em todo o caso o somatório dessas pequenas parcelas deverá ultrapassar os 100 hectares.

A importância relativa das superfícies beneficiadas, por cada uma das formas de aproveitamento de água, não se afastará muito da seguinte:

Poços, minas, nascentes e furos.....	10%
Estações de bombagem com aproveitamento de esgotos etc..	30%
Albufeiras.....	5%
Água repressada etc, com rega em elevação.....	45%
Total.....	100%

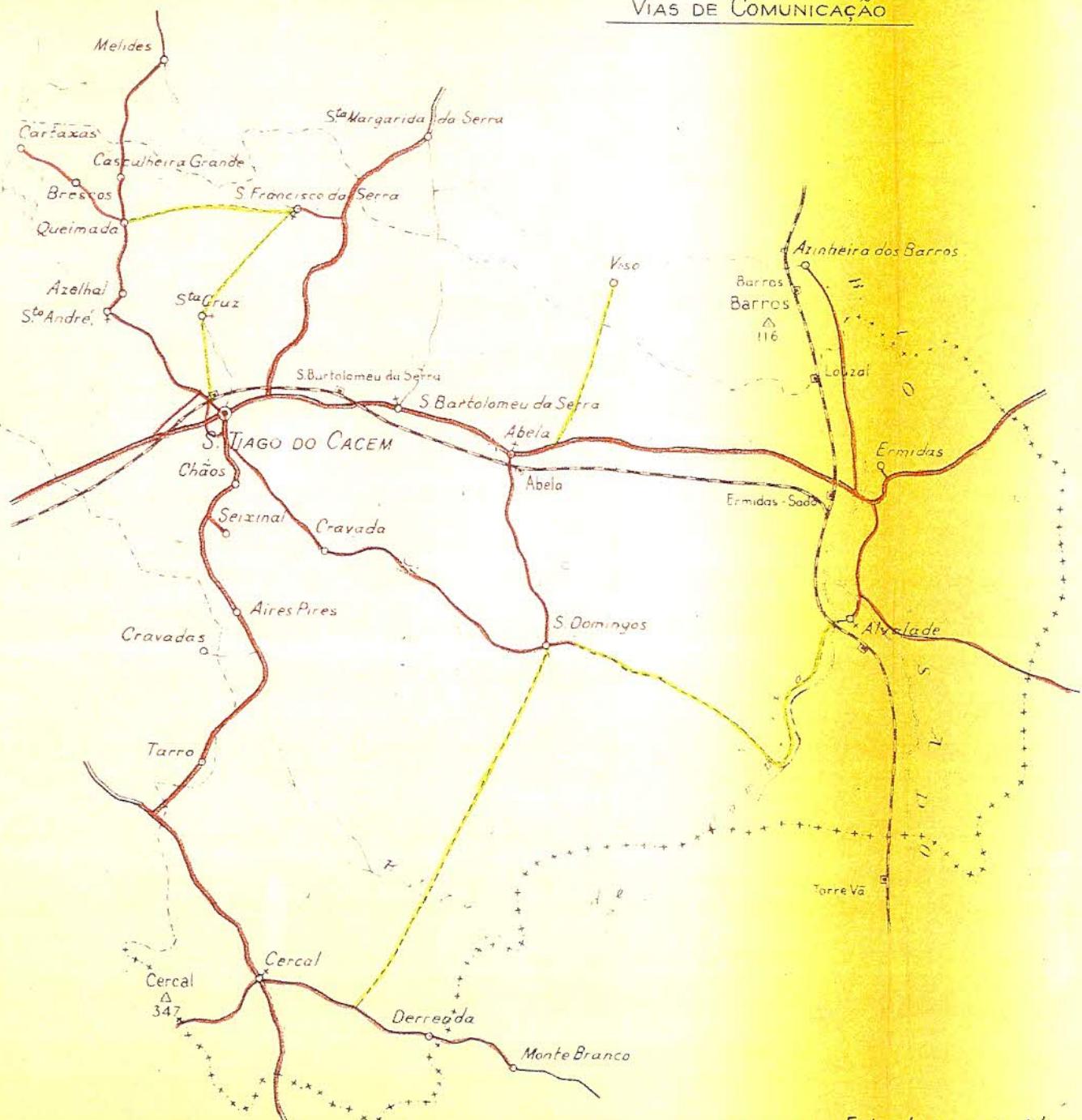
As actuais disponibilidades de água não permitem aumentar a área hoje cultivada, que por vezes é insuficiente para as necessidades das culturas nos períodos críticos.

A elevação da água faz-se pelos sistemas a seguir indicados, por ordem decrescente de canos:

- balde e corda
- moto-bombas - 105

CONCELHO DE SANTIAGO DO CACEM

VIAS DE COMUNICAÇÃO



Estradas construídas

» a construir

Escala - 1:250.000

- boses - 60
- aero-actores
- electro-bombas - 2

Julga-se que os recursos aquíferos subterrâneos são elevados, contudo, para sua confirmação e com vista à instalação dispersa de pequenos regadios, conviria efectuar pesquisas hidrogeológicas nas seguintes e principais zonas:

- 1) - areias do litoral, correspondendo, aproximadamente, à zona agrária plana do litoral
- 2) - em quase toda a freguesia do Cereal, principalmente na mancha dos riachos quartzeiros
- 3) - nas areias do interior, correspondendo aproximadamente à zona agrária plana do interior
- 4) - na zona dos calcários.

D - Vias de comunicação

a)-Vias a construir

O concelho é regularmente servido de vias de comunicação contado, ainda há zonas, relativamente extensas ou de elevada importância económica, onde se faz sentir a necessidade de estradas, das quais já se encontram algumas projectadas pelo Ministério das Obras Públicas. Neste caso estão as seguintes, ou-

ja execução se torna presente:

- estrada de S. Domingos a Alvalade, com a extensão aproximada de 23 Km; serve duas freguesias ricas agrícola e florestalmente, contornando os férteis vales das ribeiras de S. Domingos e Campilhas;
- estrada do Cereal a S. Domingos, com a extensão aproximada de 19 Km; serve extensas mancha florestal e agrícola, quase isolada do exterior na época das chuvas;
- estrada de Santiago do Cacém a S. Cruz e S. Francisco, com a extensão aproximada de 11 Km; serve uma zona relativamente acidentada e rica agricolalemente, com transportes difíceis.

Além destas estradas projectadas, há duas outras insistentemente solicitadas pelas populações interessadas:

- ligação de S. Francisco à Cascalheira, na estrada de Santiago a Melides. Teria o desenvolvimento aproximado de 8 Km e facilitaria a deslocação de grande número de agricultores e proprietários das várzeas de S. André, residentes na respectiva povoação;
- ligação de Abela a Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola, com cerca de 18 Km de extensão no total, 9 dos quais dentro do concelho de Santiago do Cacém. Facilita a saída dos produtos agrícolas, e principalmente florestais, dum terreno muito acidentado.

b)-Encargos de transporte

Para os principais gêneros agrícolas, florestais, e utensílios e produtos necessários à agricultura, são aproximadamente os seguintes, dependentes do meio de transporte e da maior ou menor facilidade de deslocação.

Transporte em veículos motorizados:

- grandes distâncias: varia entre 1e00 a 1e50 por Ton/Km
- pequenas " " " " = 1e20 a 2e00 " "

Transporte em carros de mares:

- para distâncias superiores a 20 Km em planície: varia de 1e50 a 2e00 por Ton/Km
- para distâncias superiores a 20 Km em zona acidentada: varia entre 2e00 e 3e00 por Ton/Km
- para distâncias inferiores a 20 Km em planície: varia entre 1e50 e 4e00 por Ton/Km
- para distâncias inferiores a 20 Km, em zona acidentada: varia entre 2e00 e 6e00 por Ton/Km
- para distâncias muito pequenas: varia entre 5e00 e 8e00 por Ton/Km

Estes preços referem-se a transportes de aluguer; os efectuados com veículo próprio não maiores, visto dependerem do número anual de jaires na exploração agrícola, e do seu custo.

II - PRODUÇÃO AGRÍCOLA

A - Culturas e técnica cultural

a)-Plantas cultivadas ou cultiváveis, sua importância relativa e finalidades

Mais de 50% da área do concelho está povoada de sôbro e azinheira, de maior ou menor densidade - com culturas sobrecoberto - e de pinhal bravo - algumas manchas e nas areias de litoral - correntemente associado ao sôbro.

A parte restante é explorada pelas culturas indicadas no quadro seguinte por ordem decrescente de importância económica em cada classe:

Quadro VI

Classes de importância		
Grande	Média	Pequena
Trigo	Vinha	Centeio
Arroz	Oliveira	Pomoídeas
Aveia	Citrinos	Grão de bico
Cevada	Milho	Tremoçoiro
	Batata	Figueira
	Batata doce	C. Hortícolas
	Fava	

- Na biqueira cultivam-se as seguintes: trigo, aveia, cova da, milho, batata, fava, centeio, grão de bico, trevoço, etc.
- No regadio: arroz, milho, batata, batata doce, etc.
- Nas hortas cultivam-se, para consumo da casa agrícola ou para venda: tomate, feijão, couve, batata, pimento, fava, ervilha, milho, batata doce, pepino, etc.

Formando pomares de maior ou menor importância, ou disperse no meio das hortas, encontra-se a laranjeira. Das outras plantas arbóreas aparecem as seguintes: noqueira, macieira, peseiro, ameixeira e figueira. Na freguesia de Cereal, algumas castanheiros e raras noqueiras.

A única cultura extensiva que tem, aqui, relativo interesse económico, é a da vinha. O marmoleiro e o romaneiro não passam da curiosidade de horta, embora o primeiro seja utilizado nas sashes à beira dos ribeiros.

Para exclusiva alimentação do gado cultivam-se a cevada, a aveia, o centeio, o beraim, a lucerna, a serradela e as milharadas.

Exceptuando os citrinos as outras plantas fornecem produtos secundários, que podem utilizar-se na alimentação do gado.

Esses produtos são:

trigo	- palha, limpação	
cevada	=	*

* e grão (como produto principal)

aveia	- palha
arroz	- *
vinha	- bagaço, grãinha, folhelho e folhas
oliveira	- " e rama da limpeza
milho	- palha e lixíadires
batata	- rama e tubérculo sujo
batata doce	- " " "
feva	- palha
centeio	- palha e lixíadires
pomocídeas	- " e frutos impróprios para consumo
grão de bico	- palha
culturas hortícolas	- rama, frutos impróprios para consumo
sobreiro	- fruto e rama da limpeza

Das plantas cultivadas, as melhor adaptadas ao meio seco, podem considerar-se, por zonas agrárias, as seguintes:

Quadro VII
Culturas arvenses de sequeiro

Zonas agrárias	Culturas	Observações
Plana do litoral	Batata " doce" Serradela	Cultura de grande futuro
Dos calcáreos	Trigo Aveia Cevada Bersim Milho	Cultura, cuja área devia ser alargada
Do Cercal	Trigo Aveia Milho	
Plana do interior	Batata Milho Trigo Aveia Cevada	Em manchas limitadíssimas e susceptíveis de alargamento
Dos aluviais	Trigo Batata Fava Milho Cevada Bersim Luzerna Orfe de bico Tremoço	Cultura cuja área devia ser alargada
Acidentada	Trigo Cevada Aveia	

Quadro VIII
Culturas avançadas de regadio

Zonas agrárias	Culturas	Observ.
Plana do litoral	Arroz Milho Batata Batata doce Hortícolas	
Dos calcáreos	Milho	
Do Cercal	Milho	Pouco importante
Plana do interior	Milho	Pouco importante, com possibilidade de alongamento
Dos aluviais	Arroz Milho Batata	Pouco importante
Acidentada	Milho	* *

Quadro IX
Culturas arbustivas e arborícolas

Zonas agrárias	Culturas	Observ.
Plana do litoral	Laranjeira Figueira Vinha	
Dos calcários	Laranjeira Ameixieira Nogueira Oliveira Damasqueiro	Em algumas manchas
Do Cercal	Macieira Pessegoiro Caetanheiro	Pode vir a ter enorme importância na economia desta zona
Plana do interior	Laranjeira Ameixieira Vinha	
Dos aluviais	Laranjeira Oliveira	
Aincidentada	Macieira Oliveira Laranjeira Vinha	

Não existem elementos experimentais que permitem indicar com segurança as variedades mais aconselháveis para as diferentes culturas, contudo talvez possam servir a futuros estudos as características específicas das variedades mais cultivadas.

das; deste modo apresentam-se seguidamente, por zonas agrárias, os elementos que, a este respeito, se colheram.

Quadro X
Variedades de trigo

Zonas agrárias	Variedades	Tipos de sois
Plana do Litoral	Argelino Tremão algarvio Barbela Mocho ruivo Grécia Precoce de Itália Roma Quaderna	Terras pobres arenosas ou de encoleira " " " " " " " " " " " " Terras de grande ou mediana fertilidade " " " " " " " " "
Dos calcáreos	Grécia Precoce de Itália Roma Quaderna	
Do Cereal	Palhinha Roma Precoce de Itália Quaderna Mourisco	Serra
Plana do interior	Barbela Mocho ruivo Russo Quaderna Precoce de Itália Preto Amarelo Roma Lobeiro Tremão	Sois de mediana fertilidade Sois pobres " " " "
Dos aluviões	Quaderna Precoce de Itália Roma Lobeiro Preto amarelo Argelino	
Acidentada	Tremão algarvio Barbela Grécia Mocho de espiga branca Dama	Sois pobres " " " " " "

A cultura do arroz tem certa tradição, designadamente na freguesia de Santo André, mas hoje estende-se para as freguesias de Alvalade e de S. Domingos, onde ocupa extensa área e limitada, sobretudo, pela falta de água. Para qualquer das zonas agrírias as variedades mais indicadas são: o Chinde, o Ponta Rubra e o P. 6.

Não podemos deixar de fazer referência à variedade preganudo ou espanhol, considerada indesejável pelos industriais de descascaque, pelo seu baixo rendimento industrial, mas com interesse devido à sua rusticidade e resistência à secura, e que aconselha a não ser substituído enquanto se não obtiver outro melhor, com estas características. Cultiva-se normalmente em áreas diminutas, onde a dificuldade de obter água se torna provável durante parte do ciclo vegetativo.

Toma certo vulto o interesse do lavrador pela cultura do milho de regadio. Segundo as preciosas indicações do engenheiro agrônomo M. Castelo Branco, Director do Posto de Culturas Regadas de Alvalade, as melhores produções são obtidas com híbridos e com o milho de regadio proveniente de Castro Verde, convenientemente melhorado.

Em virtude do elevado interesse que a cultura da laranjeira tem na zona agríria dos caleáreos indicamos as variedades da Rafa e de Setúbal como as que merecem maior atenção tanto pela sua adoção ao meio, como pela época em que os frutos estão aptos a ser colhidos.

As variedades de batata mais comuns são as de maior produtividade e resistência às doenças, principalmente ao milho.

No zona agrária do Cercal encontram-se manchas com o levada aptidão para a cultura de algumas espécies de fruteiras as quais já tiveram grande interesse local, hoje perdido, por iniciativa dos cultivadores e pelos intensos ataques de pragas e doenças.

Entre as espécies que maior interesse ofereceram encontram-se a macieira, o pessegueiro e o castanheiro.

Quanto às variedades de macieira mais difundidas no concelho são, por ordem decrescente de interesse, as seguintes:

- moçá encarnada
- Maria Gomes
- Maldivia (maturação em Outubro)
- Reinetta
- Espelho

Relativamente ao pessegueiro não se conseguiu averiguar quais as variedades mais generalizadas ou apreciadas.

A orientação dos trabalhos destinados a estudar as variedades que melhor se adaptam às diversas condições que o meio físico oferece, deve basear-se em campo de experimentação rural - tipo de exploração economicamente equilibrado com campo de ensaio anexo, para determinar as causas de inadecção, tanta vez

zes atribuído às variedades e que, na maior parte resulta do desequilíbrio da própria exploração, onde as rotações negam, por sistema, todos os princípios básicos da ciéncia agronómica. Procura-se deste modo, averiguar as possibilidades das variedades existentes, comparando-as com outras estranhas à região, e em definitiva análise, tentar-se a obtenção de novas variedades adaptáveis ao meio ecológico.

Julga-se conveniente generalizar mais algumas culturas que já hoje ocupam áreas apreciáveis, e outras cuja exploração é ainda incipiente. Consideram-se como principais as seguintes:

Vinha - Pelo aproveitamento de solos onde não é económica a exploração com outras culturas, e pela regularização de mão de obra que proporciona ao longo do ano.

Milho - Por permitir aproveitar os alqueires em algumas terras de sequeiro e beneficiar da sideração. Como cultura regada, visto proporcionar elevado número de jornaia por unidade de superfície, grande volume de ferragens e matéria orgânica, bem como rendimentos compensadores.

Pomares - Pelo melhor aproveitamento quanto à aptidão de alguns solos obtendo-se, assim, maior rendimento por unidade de superfície. As espécies que mais interesse oferecem são:
 - Citrinos - em todas as manchas onde a geada não é de temor, e que possuem água para rega.

- Macieira - na zona agrária do Cearal, onde a sua adaptação está confirmada.
- Pessegueiro - na mesma zona agrária, por idênticos motivos.
- Castanheiro - na zona indicada onde já se encontram algumas excepções.

Forragens - Por se tornar indispensável o difusão de espécies extensas forrageiras, principalmente da família das leguminosas, as quais enriquecendo os solos em azoto produzem volumosas quantidades de forragem verde ou seca, permitindo o correspondente aumento dos efectivos pecuários e da matéria orgânica a encorporar no solo.

Oival - Pelo aproveitamento de terrenos de meia encosta da zona agrária accidentada, e que oferecem certa fertilidade.

A introdução de novas culturas em determinada região deve ser precedida de ensaios experimentais, preliminares, efectuados directamente ou pelos serviços públicos ou pelos próprios interessados. Normalmente este assim procede: ensaios em pequenas superfícies e, só depois de conhecidos os seus resultados se aventura a alargar a área de cultura, ou a eliminá-la.

Julga-se poder ensaiar com possibilidades de êxito as novas culturas seguintes:

Amendoim

É uma cultura típica da exploração familiar, e que não

quer dizer que não possa adaptar-se às outras formas de exploração.

Os solos arenosos e franco-arenosos podem valorizar-se com a sua introdução no afolhamento, desde que a rega seja possível. Está principalmente indicada para a valorização de algumas parcelas arenosas da zona agrária do litoral que mantém a certa "lentura" durante o estio.

Ricino

Encontra-se vegetando e frutificando em boas condições nas areias do litoral, ao sul do Tejo. Julga-se, por isso, aconselhável indicá-lo como cultura e introduzir por valorizar alguns tipos de solo de aptidão florestal, de baixo rendimento e de longo prazo económico.

Tabaco

A sua cultura é possível em extensas superfícies da zona agrária dos aluvíos e em parcelas de áreas mais reduzidas nas zonas restantes.

O produto obtido não será de superior qualidade, mas pode ter emprego na preparação de lotes e de extractos, destinados à manipulação de insecticidas, cuja importação se faz em larga escala.

Linho

Fornecer esta linácea fibra é cléo, aquela empregada na preparação dos mais finos tecidos ou de cordame e este, na utilização das mais variadas indústrias.

Como o nosso país é deficitário nesses produtos, e seu fomento terá, com certeza, mercado assegurado, a preços remuneradores, para as quantidades produzidas. Julga-se que a sua cultura tem possibilidades em grande parte dos solos que dispõem de água para rega, na rotação com milho, arroz, etc.

Beterraba sacarina

A extensa área susceptível de rega permitirá, no concelho, a introdução desta cultura, segundo o tipo industrial, com todas as probabilidades de êxito. Por outro lado forneceria matéria prima à indústria de açucar ou de álcool e permitiria disponer-se de subprodutos de larga utilização na alimentação do gado.

Plantas aromáticas

Para a valorização de pequenos ou grandes tractos de terreno, em várzea regável ou de sequeiro, e de encosta agricultável, é possível o seu aproveitamento por quaisquer das plantas aromáticas porque, entre tantas, desde a hortelã-pimenta ao alecrim, alfazema, anis, açafrão, etc., algumas se adaptam.

Não há no concelho culturas a eliminar, mas existe a necessidade de reduzir, em grande escala, a área actualmente explorada com pragas e sequeiro, principalmente nas terras onde não é económica a sua cultura, quer pela pobreza do solo, quer pela influência que têm na qualidade da cortiça os terrenos agrícolas sobcoberto, quer ainda nas encostas, onde a erosão se faz sentir com intensidade e, ainda, nas manchas levadas ao regadio em exploração com culturas mais remuneradoras.

Com as modificações indicadas, resultará melhoria da estrutura económica do concelho, uma vez aproveitado o solo racionalmente e de harmonia com as características ecológicas, peculiares a cada zona ou sub-zona agrária.

O problema do desemprego rural, que anualmente se apresenta com aspectos calamitosos e para o qual se não tem conseguido solução adequada, poderá ser muito atenuado não só pela função colonizadora das novas culturas e introduzir e alargamento da área de algumas já existentes, mas também pelos tipos de rotação que implicitamente haverá que fomentar e pela criação permanente de indústrias agrícolas de transformação e extração.

b)-Afolhamentos e rotações tipos

- Zona plana do litoral

1)-Rotação das terras de várzea que dispõem de águas para rega:

1º ano - trigo

2º ano - trigo (com substituição de variedade do ano anterior)

3º ano - fava

4º ano - milho ou trigo

2)-Rotação das terras de várzea que dispõem de água para rega intermitente, mas insuficiente para a cultura de arroz:

1º ano - trigo

2º ano - batata doce ou comum

3º ano - cultura hortícola

4º ano - " "

3)-Rotação das terras arenosas de média fertilidade:

1º ano - alqueire, com ou sem milho

2º ano - trigo

3º ano - centeio

5 a 10 anos - pouso

4)-Rotação nas terras arenosas de baixa fertilidade:

1º ano - alqueire, com ou sem milho

2º ano - centeio ou aveia

5 a 10 anos - pouso

5)-Rotação nas terras em que a quantidade de água permite a cultura de arroz:

Cultiva-se seguidamente durante uma série de anos na

mesma terra e, quando as características dos solos o permitem, substituem-na, algumas vezes, pela cultura de trigo, durante um ou dois anos.

- Zona dos calcáreos

1)-Rotação nas terras planas ou de várzea, de mediana e grande fertilidades:

1º ano - trigo

2º ano - " com substituição de variedade

3º ano - fava

4º ano - milho ou trigo

2)-Rotação nas terras de meia encosta de mediana fertilidade:

1º ano - alqueire, revestido com fava ou milho

2º ano - trigo ou cevada

3º ano - aveia

4º, 5º e 6º anos - pousio

ou

1º ano - alqueire revestido com fava ou milho

2º ano - trigo

3 anos de pousio

- Zona do Cereal

1)-Rotação nas terras de serra e nas mais planas pobres:

1º ano - alqueire com milho

2º ano - trigo

3º ano - aveia

1 a 2 anos - pousio

2) - Rotação nas terras onduladas de maior fertilidade:

1º ano - alqueire com milho

2º ano - trigo

3º ano - aveia

4º ano - prado

- Zona plana de interior

1) - Rotação nos solos arenosos:

1º ano - alqueire, com ou sem milho ou molânea

2º ano - trigo

3º ano - aveia ou centeio

2 a 4 anos - pousio

ou

1º ano - alqueire de

2º ano - cevada, aveia ou centeio

2 a 3 anos de pousio

ou, mais parmente

1º ano - alqueire

2º ano - trigo

3º ano - aveia

4º ano - trevoço para grão

2 a 3 anos - pousio

- Zona dos aluvões

1)-Rotação nas terras de várzea:

-Grande propriedade

1º ano - alqueire, com fava ou milho

2º ano - trigo

3º ano - aveia

4º ano - pastagem

-Pequena propriedade⁽¹⁾

1º ano - fava estrumada

2º ano - trigo

3º ano - aveia, trigo ou trigo trevado

-Zona accidentada

1)-Rotação nas terras de barro ou de várzeas:

1º ano - alqueire de verão

2º ano - trigo

3º ano - trigo rijo

4º ano - fava

ou

1º ano - alqueire de verão

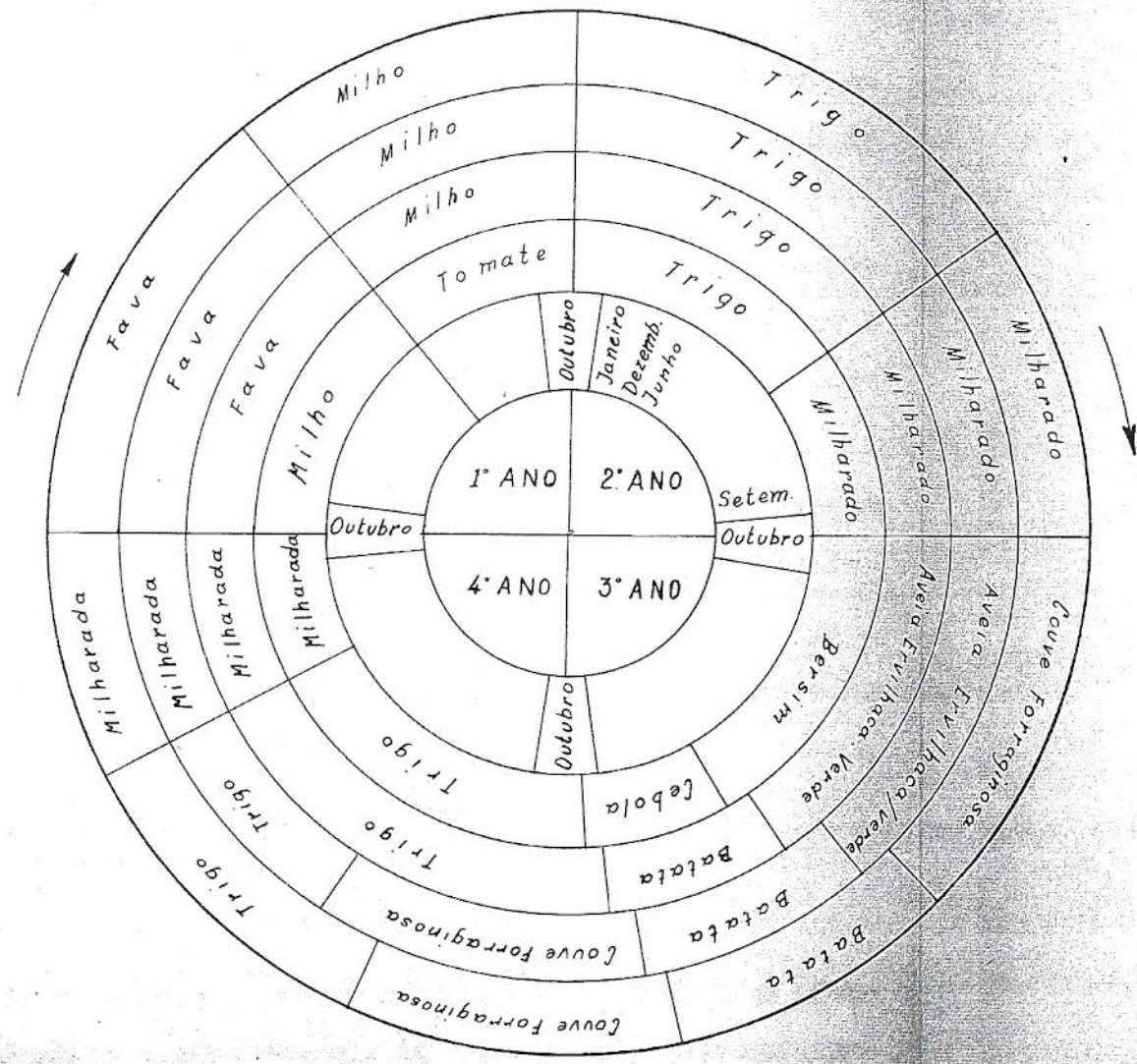
2º ano - trigo

3º ano - trigo rijo

4º ano - cevada

5º ano - poucão

(1)-é corrente a cultura de arroz ser feita na mesma terra em vários anos seguidos.



3) Rotação nas terras de serra

- 1º ano - alqueire, com ou sem milho
- 2º ano - trigo
- 3º ano - aveia
- 4-5 anos - peusio

Por vezes, neste rotação, intercalam-se a cultura do trevoço entre a aveia e o peusio, reduzindo este, para 2 a 3 anos.

As rotacções das terras de sequeiro, e de algumas regadas poderiam ser consideradas bem estabelecidas se lhes fossem intercaladas uma forragem melhoradora, com uma cultura para ceder ou substituir este por uma fertilização orgânicas.

Na opinião do engenheiro agrónomo M. Caetano Branco, a rotação da zona agrária dos alvarides devia ser a seguinte:

- 1º ano - fava, com estrumação
- 2º ano - trigo
- 3º ano - berseiu, estrurando
- 4º ano - trigo
- 5º ano - aveia

Para as terras regadas da zona dos alvarides, o citado técnico preconiza a rotação, que há vários anos vem ensaiando, com sucesso, no Posto de Culturas Regadas de Alvalade, de harmonia com o gráfico junto, relativo à distribuição cultural ao longo do ano.

Salvo o caso referente à cultura de cebola, que devia apenas ocupar a área necessária para satisfazer o consumo da casa agrícola, dadas as dificuldades em colocar a sua produção nos mercados e impossibilidade de a aproveitar pelos subprodutos, somos de parecer que a referida distribuição apresentada é francamente de aceitar.

A batata, cebola, fava e ervilha são estrumadas. A cultura do berain, aveia, ervilhaca para verdo como forraginosa no 3º ano é procedida dumas calagens.

c) - Técnicas culturais

Trigo

Nas terras de mato, proveniente de longos poucos e que se pretendem submeter à cultura, principia-se por roçar, durante o verão, a vegetação arbustiva espontânea que fica espalhada pelo chão ou, mais geralmente, amontoada, com o fim de a cobrir com leira para formar mureinas que serão queimadas no princípio de Outono. Após este trabalho faz-se a arroteia com escova de raizana e espa.

Antes da sementeira procede-se à gradagem do terreno, talhando-o em seguida para distribuir, a lanço, o adubo, (superfosfato de cal de 12% e 15% à razão de 300 a 500 Kg por ha.) e a semente. O enterramento da semente e do adubo é feito a charrue, de modo que a terra fica armada em espigado ou, mais raramente, à passa.

Sendo necessário, faz-se uma ou duas mordas, e, excepcionalmente, aduba-se em cobertura; na fertilização de fundo nunca se empregam adubos potássicos ou azotados.

A colha é manual, à roda, e a desfolha é geralmente feita à máquina. No entanto ainda se encontra quem efectue a desfolha, a trilho, a pé de cada e mesmo à mão.

Nas terras de pousio, com vegetação herbácea, só a cultura faz-se do modo seguinte:

No inverno anterior à cultura, faz-se o alqueire que consta de um ferro de abrição seguido de outro cruzado, na Primavera, quando é revestido. Quando o alqueire é de mís o atalho pode fazer-se durante o verão.

Se o alqueire é revestido, a semeadura do trigo não é precedida de gradagem, como sucede no alqueire mís.

As operações que se seguem são as descritas para o caso das terras arroteadas.

Cevada

Quando a sua cultura se faz sobre o alqueire, a técnica usada é sensivelmente igual à do trigo. Não se fazem mordas e as dotações de superfosfato de cal reduzem-se a metade.

Se na rotação a cultura segue a do trigo, a preparação da terra reduz-se à lavoura de verão.

Aveia

Cultiva-se geralmente no restolho do trigo, sem prévias lavouras de preparação e fertilização. A semente vai de porcada à terra e o enterramento faz-se com uma lavoura bastante imperfeita, ficando a terra arredondada em espigões.

Milho

Cultiva-se de sequeiro, geralmente nos alqueires, fazendo o enterramento da semente com a lavoura de espalho.

A semente espalha-se à lanço ou distribui-se no fundo do rango, sem qualquer adubação. A sache, desbasto e amonto a realizam-se simultaneamente. Não é desbandeirado e a colheita faz-se à mão cortando a planta rente ao solo.

A debulha é manual e procedida da dessecação.

Na cultura de regadio aplicam-se dotações generosas de adubo e estrume.

Arroz

Nesta cultura há a considerar:

- | | |
|-----------------------------------|---|
| 1) - Ordenamento do arrozal com - | <div style="display: inline-block; vertical-align: middle; text-align: center;"> { arranjo
 nivelação a seco
 construção de caminhos
 construção de regadeiras </div> |
|-----------------------------------|---|

- 2)-Preparação da terra - {
 mobilização { cava
 ou
 lavoura
 piso da leira ou gradagem
 nivelações parciais (balisação)
 rebaisa}
- 3)-Perturbação (1) - {
 não há adubação de fundo
 superfosfato de cal 16% -
 300 Kg/ha
 cobertura sulfato de amónio - 200
 Kg/ha}
- 4)-Sementeira ou plantação
- 5)-Amanhos culturais - {
 rega
 zonas}
- 6)-Luta contra as pragas
 e doenças
- 7)-Colheita à mão
- 8)-Debalha - {
 a pé de gado
 ou à máquina}

(1) - Na mancha orizicola de Alvalade e S. Domingos a fertilização do fundo é de 400 Kg de superfosfato de cal de 16% por ha e algumas vezes 100 Kg de cianamida. Não é de uso a adubação em cobertura.

Para se ajuizar do incremento que a cultura crizicola já tem no concelho, apresenta-se o quadro referente à produção manifestada na Comissão Reguladora do Comércio de Arroz no ano de 1950.

Quadro XI

Classes de produção Kg.	Nº de produtores por classes de produção	Produção por classes de produção	Classes de produtores	Produção por classes de produtores Kg.	Distribuição de produção %
até 500	13	5.250			
1.000	17	12.750			
1.500	18	22.500	Pequeníssima (45)	58.500	1.9
2.000	17	29.750			
2.500	11	24.750			
3.000	9	24.750	Pequena (37)	79.250	2.5
4.000	23	90.500			
5.000	19	85.500			
7.500	72	450.000			
10.000	18	157.500			
15.000	16	200.000			
20.000	9	157.500			
30.000	11	275.000	Média (168)	1.405.000	45.7
40.000	3	105.000			
50.000	4	180.000			
60.000	1	55.000			
70.000	4	260.000			
80.000	2	150.000			
90.000	-	-			
100.000	2	190.000			
110.000	1	105.000	Grande (17)	1.045.000	33.8
510.900	1	510.900	Muito grande (1)	510.900	16.7
Total	271	3.082.650		3.082.650	100.0

Vinha

A instalação faz-se geralmente à vale, sem cumprir o tal do terreno, adoptando os seguintes espacamentos:

- mais vulgares: 1,5x1,54 m. com 4.800 pés, por ha.
- pouco frequentes: 1,5x1,84 m. com 3.800 pés, por ha.

A poda corrente é a de talho, iniciada em Novembro e terminada em Janeiro. No entanto havendo a maior vantagem em introduzir a poda da vara e talho, que permite defender o equilíbrio da planta fornecendo maior número de axos, e aumentar a produção, em virtude dos galhos mais produtivos se localizarem na parte superior do topo inferior da vara, e vulgarmente no próprio topo nubilo, e não próximo da cíxia.

A cava inicia-se em Janeiro, em montes, cava ao monte e a raspa, pedra ou desbastalha em Maio.

Fazem-se tratamentos fungicidas com enxofre e caldas cápricas, o primeiro uma só vez e o segundo duas, triás, ou mais ainda quando necessário.

B - Materia orgânica

A matéria orgânica empregada na fertilização provém, por ordem decrescente de importância, das seguintes fontes:

- palha de cereais e de leguminosas
- mato utilizado nas casas dos gados

- forragem, palha e Limpesa de árvores, que o gado apraz velte para a sua alimentação
- lixo de Limpesa das povoações
- siderações
- vegetação aquática da Lagoa de Santo André (pequenas mas quantidades)

a) - Estrume

A sua produção é muito insuficiente para as necessidades, porque a quantidade de matéria orgânica disponível, e o número de cabeças de gado, não estão em relação com a superfície cultivada. Além disso não se verifica o interesse, de grande parte dos agricultores possuidores de grandes áreas, pelo aproveitamento convenciente destas mesmas disponibilidades.

Nas casas do gado utilizam-se: palhas, matos, palhas de colmo e carvão. Não há falta de palhas para este efeito, ou tro tanto não accedendo com os matos que cada vez escasseiam mais, além dos existentes não serem os mais recomendáveis para o fim em vista.

A estramação com o gado ovino e caprino é feita directamente no campo, a bardo, que é enterrada com o estalho, visto o gado pernoitar na terra de alqueive. 100 cabeças de gado fogem 10.000 m²., aproximadamente, que pode reduzir-se a 8.000 se se desejar fertilização mais generosa.

Normalmente para cada cabeça de gado destinava-se a superfície de 0,6 mil. por noite.

Pelo que ficou descrito não nos parece fôrtil que, nas condições actuais, as quantidades de estrume produzido, tenha as grandes possibilidades de aumento, ao ponto de influir de forma decisiva na fertilidade do solo; outro tanto não sucederá com as modificações preconizadas que obrigarão a aumentar extraordinariamente a produção de estrumes, para fazer face às necessidades do regadio e das outras culturas.

Os estrumes, com raras exceções, não abandondados à chuva, ao sol e ao vento se nascem debaixo dos pés do gado. Muito raramente sofrem uso ou duas voltas e nemhuma roga, e não ser casualmente a da chuva. Afiguram-nos, pois, necessário fornecer a instalação de nitreiras, cobertas ou não, com fossas anexas para aproveitamento do chorume e com elas reter os estrumes quando tal se torne conveniente. Para evitar a libertação do azoté e produzido, e com o fim de aumentar a riqueza fertilizante, há também a conveniência em juntar-lhe cal, ou cinzas da calagem, e um perfumado de cal.

b) - Lixos

Na sede do concelho os serviços camarários procedem à limpeza da via pública, espalhando o lixo em fossas de terra batida construídas para tal fim, onde lhe adicionam os dejectos e líquidos provenientes dos domicílios e transportados em pipas e

por não existir rede de esgotos.

Como as fermentações são mal conduzidas e existem perdas de elementos por volatilização e infiltração o estrume assim obtido tem qualidades inferiores às possibilidades. Para debelar este mal seria conveniente impermeabilizar o solo e construir uma fossa anexa para armazenamento dos líquidos que permitissem a regularização da rega e adicionar cal em pó, em quantidade conveniente.

Os materiais que mais frequentemente constituem estes lixos, são: palhas, papéis, trapos, cinzas, dejectos de animais, etc.

A Câmara Municipal vende os lixos na conturaire aos preços seguintes:

-carrada dum só animal com o peso aproximado de	500 Kg-	15,00
- " de parelha	" "	" 1.000 " - 30,00
- " de bois	" "	" 1.500 " - 40,00
-carronete grande	" "	" 4.500 " - 80,00

O elevado peso atribuído resulta de se tratar de um produto totalmente impregnado de líquido.

Os lixos empregam-se principalmente nas culturas hortícolas e, mais raramente, nas de fava e ervilha de sequeiro.

c)-Sideração

Na cultura da vinha é vulgar a sideração com tremoço,

prática que tem oferecido mais interesse na freguesia de Alvalade, onde se pratica já nos terrenos de várzea, nos olivais, nas vinhas, etc.

Em todas as zonas agrícolas se faz o enterramento do trevoço com a charrua, raramente precedida de corte.

O preço de custo de 1 hectare de sideração é aproximadamente:

Semente 120-140 litros de trevoço ⁽¹⁾	200\$00
Espalhamento da semente ½ jornal.....	6\$00
Enterramento 3 a 4 jeiras a 60\$00 ⁽²⁾	<u>360\$00</u>
Total.....	526\$00

A produção de massa verde é muito variável, mas pode estimar-se entre 15.000 e 30.000 Kg por ha. Por vezes a produção é nula, porque a semente por falta de humidade no solo chega a não germinar ou se germina, e morrer em seguida.

O fomento de sideração podia conseguir-se por meio de um bónus de fomento para todos os cereais cultivados em terra a sideradas, que se submetessem a determinada rotação convenientemente estudada.

d)-Outras fontes de matéria orgânica

Na Lagoa de Santo André faz-se um limitadíssimo aproveitamento dos seus moliços que não tem maior incremento por

(1)-A sementeira faz-se no cabelo seu enterramento.

(2)-O preço da jeira é o do aluguer.

ser considerado prejudicial, com certo fundamento, à criação plástica.

Preparam-se estrumes artificiais pouco caros, porque frequentemente os materiais utilizados são abandonados à fermentação espontânea, provocada pela chuva caída sobre eles. Para a sua preparação empregam-se, quase exclusivamente, palha e muito raramente mato.

C - Máquinas e alfaias agrícolas

As mais comuns, além das generalizadas em todas as zonas agrícolas do país, são: o charrueco, carros de muares, grades de dentes rígidos, debulhadores, enfardadeiras, tractores, trilhos, crivos, gadanhais, pulverizadores, trilhos, esmagadores de uvas, prensas, alambiques, noras, moto-bombas, reboques, camions, etc.

Foi possível apurar o seguinte quantitativo de material agrícola existente:

Tractores médios e grandes.....	77
" pequenos.....	6
Senadores.....	1
Charruas polifólias.....	24
Grades de molas.....	5
" discos.....	20
Corta forragens.....	1
Rasurificadores.....	21
Charruas de discos.....	6
Crivos tipo Harot.....	1

Derregadores para tração mecânica	1
Ceifeiras atadeiras.....	4
Destorreadores.....	1

A preparação da terra das diferentes culturas deve mecanizarse quando a área, o declive, etc., o permitissem, bem como todos os ananços culturais das terras em iguais circunstâncias. Para efectuar estes trabalhos o material seria escolhido para cada tipo de exploração de modo a tirar dale o maior rendimento com a sua melhor utilização económica.

Há toda a conveniência em generalizar o seguinte material, quer individualmente quer colectivamente:

Reboques

Cavadores

(grandes
Tractores (médios
(pequenos

Pulverizadores de pressão

Charruas de discos

- * tipo Brabant (tração animal)
- * polifólias

Secadeiros

Grades de molas

- * * discos
- * * estrelas

Escarificadores

Subsoladores

Grivas (tipo Maret)

Berregadores e espoladeiros

Ceifeiras

Cadenheiras

A utilização colectiva deveria organizar-se sob a forma de cooperativa, com delegações nas freguesias, trabalhando em íntima ligação com a sede do concelho.

Desde que a tentativa de mecanização seja acompanhada das soluções mais convenientes, para a economia da exploração e sempre de acordo com as respectivas possibilidades, estamos certos do êxito que redundará, todavia em insucesso, se não for tomada em atenção a reciprocidade dos problemas inherentes a cada tipo de exploração.

D - Doenças e pragas

As doenças e pragas mais frequentes nas plantas são:

Quadro XIII

Plantas	Pragas e doenças	Frequência	Prejuizes	Tratamento usado na região
Trigo	Alforra	Grande	Grandes	
	Fungão	Regular	Pequenos	Com sais cúpricos
	Morrão	"	"	" " "
	Branqueamento	Fraça	"	
	Alfinete	"	"	
Milho	Cetónias	"	"	
	Morrão	Grande	"	
Batata	Broca	"	Grandes	
	Míldio	"	Regulares	Sais cúpricos
	Mal murcho	Fraça	Pequenos	Apanha à mão
	Escaravelho	"	"	
Vinha	Traça	"	"	
	Míldio	Grande	Regulares	Sais cúpricos
	Oídio	"	Pequenos	Enxofre
	Pulgão	Regular	"	Apanha à mão e D.D.T.
	Algodão	Fraça	"	Caldas oleosas (recentemente) (freq. de Stº André e Stº. Cruz)
Oliveira	Nó curto	"	"	
	Ferrugem	Grande	"	
	Mosca	"	Grandes	
	Gafa	Regular	Regulares	
	Algodão	Grande	Pequenos	
Figueira	Cochonilhas	"	"	
	Tuberculose	"	Regulares	
	Lapa	Regular	Pequenos	
	Icérya	"	Regulares	
Citrinos	Mosca	Grande	Grandes	Vedalia
	Formiga	"	"	D.D.T.
	Cochonilhas	"	Regulares	Clordane
	Afídios	Fraça	Pequenos	Caldas oleosas
	Gomose	Fraça	"	
Macieira	Bichado	Grande	Grandes	D.D.T.
	Pedrado	"	"	Sais de cobre
Nogueira	Pedrado	"	"	
Tomateiro	Míldio	"	"	
	Pé negro	Regular	Regulares	Sais de cobre
Luzerna	Negrilha	Fraça	Pequenos	D.D.T.
Arroz	Brança	"	"	
C. hortícolas	Lagarta	Grande	Grandes	D.D.T.
	Piolho	"	"	
	Alforras	Regular	Regulares	
	Caracóis	Grande	Grandes	

Os serviços de sanidade vegetal deveriam ter organização semelhante à preconizada para o uso colectivo de máquinas e alfaia agrícolas e que seriam chefiados por um engenheiro agrónomo dependente exclusivamente dos serviços oficiais que ao mesmo tempo acumularia com a assistência solicitada pelo próprio agricultor ou por intermédio da associação agrícola respectiva.

B - Indústrias agrícolas

a) Oleícola

A sua exploração faz-se normalmente de conta própria e de arrendamento quando pertence à propriedade ou prédio, que é incluí no seu parcelar cultural.

A produção oleícola tem relative importância no concelho, distribuindo-se por 729 produtores, conforme se pode concluir do quadro seguinte que indica a produção de aceite manifestada em 1949 e a sua distribuição por produtores.

Quadro XIII

Classes de produção (litros)	Número de produtores	Produção por classe	Produção por classes de produções	% por classes de produtores
até 50	155	5.328		
51 a 100	219	16.425		
101 a 150	114	14.250		
151 a 200	76	15.300		
201 a 300	37	14.250		
301 a 400	40	14.000	75.950	36,4
401 a 500	24	10.800		
501 a 600	11	6.050		
601 a 700	15	6.450		
701 a 800	1	750	26.050	15,3
801 a 900	4	5.400		
901 a 1.000	6	5.700		
1.001 a 1.250	10	11.250		
1.251 a 1.500	5	4.125		
1.501 a 2.000	6	10.500		
2.001 a 3.000	3	7.500		
3.001 a 4.000	2	7.000	49.475	25,8
4.001 a 5.000	2	9.000		
5.001 a 6.000	-	-		
6.001 a 7.000	1	6.500		
7.001 a 8.000	-	-		
8.001 a 9.000	1	8.500		
21.500	1	21.500	45.500	25,1
Total	729	196.575	196.575	100,0

A azeitona é laborada, em geral, de conta própria, à maquia, no entanto também se vende e trocam algumas quantidades destinadas, também, à extração de azeite.

O quadro seguinte esclarece o número de lagares existentes, respectivas laborações e rendimentos médios no período de 1942 a 1947.

Quadro XIV

Lagares	Pressas			Produção		
	Vara	Fuso	Hidráulica	Laborada Kg.	Extraído L.	Rendimento to/100kg
Antigos	1	7	-	36.093	14.179	16.5
Modernos	-	-	14	418.553	78.040	17.2
Totais	1	7	14	554.646	92.219	17.1

b)-Vinicola

É relativamente diminuta a superfície ocupada pela cultura da vinha a qual não deve exceder 560 ha, correspondente a 0,84% da área total do concelho. Verifica-se, no entanto, que houve aumento apreciável na sua área a partir de 1894, em que foi computada em 283,7 ha, ou seja, 0,21% da superfície actual do concelho, incluindo a cultura estrangeira associada com a oliveira.

Pelo quadro que se segue conclui-se que a produção, referente à colheita de 1950, não tem distribuição uniforme pelas freguesias do concelho.

Quadro XV(1)

Classes de produção L.	Freguesias										Total por classes no
	Manteigas e queijos	Alver-	Mantei-	S. No-	G. Ma-	G. P. e	A. P. e	Total			
	go	lade	go	nibus	Cruz	to-	Abel	Centos			
até 500	22	1	1	1	1	1	1	1	1	1	49
1.000	15	4	1	1	1	1	1	1	1	1	59
1.500	5	2	1	1	1	1	1	1	1	1	21
2.000	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	29
2.500	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
3.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
3.500	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
4.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
4.500	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
5.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
7.500	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
10.000	-	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
12.500	-	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
15.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
17.500	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
20.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
25.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
30.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
35.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
40.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
50.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
60.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
70.000	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
80.000	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
90.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
100.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
120.000	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
140.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
160.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
180.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
200.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
220.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
240.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
260.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
280.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
300.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
320.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
340.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
360.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
380.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
400.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
420.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
440.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
460.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
480.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
500.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
520.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
540.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
560.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
580.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
600.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
620.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
640.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
660.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
680.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
700.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
720.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
740.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
760.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
780.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
800.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
820.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
840.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
860.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
880.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
900.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
920.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
940.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
960.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
980.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
1.000.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
Total	64	16	69	7	8	1	3	5	20	192	

(1) - A posição das freguesias, sob o aspecto viticola, expressa-se na forma como se distribuem os produtores, por classes de produção, e referem-se aos manifestos relativos ao ano de 1960.

Quadro XVI
Distribuição da produção vinícola do concelho
(ano de 1950)

Classes de produção L.	Produc- tores por classes de pro- dução n.º	Produções por classes de pro- dução L.	Classes de produtores	Produções por classes de pro- dutoras L.	Distribuição da pro- dução %
até 500	49	12.250			
1.000	39	21.750			
1.500	21	26.250	Pequenissimos (109)	60.250	7
2.000	29	70.750			
2.500	6	15.500			
3.000	10	27.500	Pequenos (45)	120.750	14
3.500	6	19.500			
4.000	7	36.250			
4.500	1	4.250			
5.000	2	9.500			
7.500	6	19.500			
10.000	7	70.000			
12.500	4	45.000			
15.000	1	15.750			
17.500	-	-			
20.000	1	18.750	Médios (55)	225.710	27
30.000	-	-			
40.000	-	-			
50.000	-	-			
60.000	-	-			
70.000	1	65.000			
80.000	1	75.000	Grandes (3)	140.000	17
*****	1	296.000	Muito grandes (1)	296.000	55
Totais	192	862.710	-	862.710	100

Na generalidade, o viticultor vinifica o vinho da própria produção, havendo casos de pequenos produtores que, por não possuirem condições financeiras que lhes permitam adquirir o mí-

nino indispensável de material de adega, procedem à venda directa das uvas a outros proprietários ou, mais raramente, a industriais armazenistas.

Deste modo, julgamos não andar muito longe da verdade atribuindo 5% à produção de uva vendida, e 95% à que é fabricada directamente. Bé, no entanto, freguesias em que 50% aproximadamente da produção é fabricada por qualquer das referidas modalidades.

Se a cultura de vinha se generalizar mais, nas freguesias de Santa Cruz, Santo André e Santiago, haveria todo o conveniente em instalar uma adega cooperativa a meio desta mancha, que corresponde aproximadamente ao limite Oeste da zona agrária dos calcáreos, com a capacidade suficiente para satisfazer as necessidades resultantes do incremento que tomassem as novas plantações.

c)-Indústrias derivadas da fruta e dos produtos hortícolas

A não ser as de carácter familiar para consumo da família não existem estas indústrias.

d)-Apicultura

A apicultura explora-se em corticos e colmeias, aproximadamente nas seguintes percentagens:

corticos.....	95%
colmeias.....	5%

O número de unidades nos colmeais mais importantes não excede o de 50 contado, e mesmo apicultor pode possuir vários colmeais, distribuídos por diversas localidades.

Pode concluir-se, pois, que o cortiço domina em todos os grandes colmeais.

As produções médias anuais são muito variáveis com a localização dos colmeais e dos cuidados dispensados pelo apicultor; pode indicar-se como frequentes, em unidades bem povoadas e localizadas, as seguintes:

colmeias..... mel - 7,5 Kg.

cortiços..... (mel - 5 Kg.
(cera - 2 Kg.)

As plantas melíferas mais importantes são: o cardo, o rosmarinho, o eucalipto, o sobreiro, a urze, o madronheiro, as árvores frutícolas, as plantas hortícolas, a esteva, a erva azeda, o tojo, a queiró, a carqueja, a papoila, o saramago e a serejinha.

Conviria introduzir plantas melíferas forrageiras, pois teriam simultaneamente duas benéficas utilizações.

Não se pratica a transumância.

As zonas limites dos calcáreos e plana do litoral julgam-se poderem oferecer boas condições para a exploração apícola, por ser extensamente povoada de fruteiras, e terem possibilidades de alargamento quanto a forragens; além disso, possuem várias espécies espontâneas de mato, e outras que interessam co-

no auxílio da polinização dos pomares.

A produção de mel e cera destina-se ao consumo local e exportação.

e)-Seriecola

Embora a amoreira vegete em boas condições, na maioria dos solos, nunca se explorou a cultura do bicho da seda; a sua introdução só pode oferecer interesse sob o aspecto pedagógico, junto das escolas primárias.

f)-Indústrias agrícolas de carácter familiar

No freguesia de S. Francisco há a indústria de matas, confeccionadas com trapo e lã para o que se utilizam tecidos próprios.

Esta indústria podia ser incrementada noutras freguesias, denominadamente Abela, Santa Cruz, S. Bartolomeu e S. Domingos.

g)-Outras indústrias agrícolas

Existem as seguintes:

1)-Moagem - utiliza trigo, como matéria prima

2)-Descascque - " arroz, " " "

3)-Aguardente - " bagaços de vinificação, como matéria prima.

Interessa fonterar a indústria de descascque com caroço

ter colectivo.

F - Quantidades e valores

a) - Quantidades unitárias de semente

Quadro XVII

Zona agrária	Culturas	Tipo de solo			
		Delgado		Forte	
		Em cultura		Em cultura	
		Retroso L.	Sob-co- berto L.	Retroso L.	Sob-coberto L.
Do litoral	Trigo	50-60	-	95-100	95-100
	Cevada	50-60	-	95-100	95-100
	Aveia	70-85	-	110-125 (1)	110-125
	Arroz	-	-	95-100	-
	Milho	8-20	-	8-20	-
Dos caladões	Trigo	100	80	95-120	95
	Cevada	100	80	95-120	95
Cercal	Trigo	80	80	80	80
	Cevada	100	100	120	120
	Aveia	120	120	120	120
	Milho	30	30	30	30
Plana do in- terior	Trigo	130	130	145	145
	Cevada	130	130	145	145
	Aveia	130	130	200	200
	Genteio	65	65	-	-
	Milho	10	10	15	15
	Fava	-	-	200	-
Das alamedas	Trigo	-	-	130-170 (1)	120-170 (1)
	Cevada	-	-	120-170	120-170 (1)
	Aveia	-	-	150-160 (1)	150-160 (1)
	Arroz	-	-	100-120	-
	Milho	-	-	20-30	25-30
	Fava	-	-	200	200
	Batata	-	-	1.500-1.200 (1)	-
Acidentada	Trigo	70	70	80	80
	Aveia	100	100	120	120
	Cevada	70	70	80	80
	Tremosso	40	-	-	-

(1) - Kg.

b) Produções unitárias médias

São aproximadamente as constantes do

Quadro XVII A

Zonas	Culturas	Tipo do solo			
		Delgados		FORTES	
		em cultura	sob coberto (litros)	em cultura	sob coberto (litros)
		estrange (litros)		estrange (litros)	sob coberto (litros)
Do Litoral	trigo	300-420	-	950-1.200	800-1.000
	cevada	250-300	-	1.400-1.450	1.200-1.300
	aveia	220-425	-	1.250-1.100	1.000- 900
	arroz	-	-	3.500-5.000(a)	-
	milho	240-300	-	600	-
	batata doc.	-	-	5.000-6.000(a)	-
Dos calcários	trigo	600-700	450-560	1.000	950
	cevada	500	400	1.400	1.300
Serrana	trigo	700	650	800	700
	aveia	1.000	900	1.200	1.000
	cevada	490	420	880	800
	tremoço	350	300	-	-
Do Cereal	trigo	640	600	800	750
	cevada	1.000	1.000	1.200	1.200
	aveia	720	680	800	700
	milho	800	800	900	900
De aluviões	trigo	-	-	1.200-1.700	1.000-1.500
	cevada	-	-	1.500-1.900	1.500-1.900
	aveia	-	-	2.000	1.500
	arroz	-	-	6.500	-
	milho	-	-	1.000-2000	-
	fava	-	-	2.200	1.800
	batata	-	-	20.000-25.000	-
Plana do interior	trigo	520	450	1.200	1.000
	cevada	720	650	1.400	1.300
	aveia	800	700	2.000	1.700
	centeio	450	400	-	-
	milho	360	300	1.500	-
	fava	-	-	1.400	-

(a) - kg.

A vinha atinge a plena produção por volta dos 10 anos, com o número de cogas variável entre 2.250 e 4.200, por hectare, encontrando-se, por vezes, vinhas antigas em que o número de pés atinge os 6.000. A produção por milharco tem, por isso, grandes variações, considerando-se, no entanto, que o rendimento médio da plena produção, erga pelos 8.400 litros, por hectare.

A plena produção da oliveira é atingida depois dos 20 anos e o seu rendimento em fruto varia com a constituição agrobiológica do solo, exposição, cuidados culturais, etc.

A colheita de elementos por zonas agrícolas permite concluir com produções médias as seguintes:

Zona agrícola do Litoral	17 Kg.
" " dos galéones	35 Kg.
" " do Germal	25 Kg.
" " dos aluviais	18 Kg.
" " alva do interior	18 Kg.
" " ocidental	30 Kg.

A título elucidativo, e para demonstrar quanto é variável a produção por árvore, vamo indicar os resultados do Posto Experimental de Culturas Leguminosas de Alvalade e gentilmente facultados pelo engenheiro agrônomo E. Castelo Branco.

Quadro XVIII⁽¹⁾

Ano	Oliveiras observadas N. ^o .	Produção média por árvore Kg
1 ^o .	132	3,0
2 ^o .	132	19,0
3 ^o .	122	15,0
4 ^o .	122	17,0
5 ^o .	119	19,0
6 ^o .	118	36,0
7 ^o .	118	13,0
8 ^o .	118	33,0
9 ^o .	118	45,0
10 ^o .	65	7,0
11 ^o .	65	24,0
12 ^o .	65	4,0
13 ^o .	65	64,2
Média	-	65,1

A cultura da laranjeira tem grande interesse na zona - che compreendida entre as zonas dos saldouros e plana do litoral. Por este facto, procurámos colher elementos que nos elucidassem sobre a produção média destas fruteiras se atingir a plena produção e conclui-se que uma árvore de porte mediano - caso predominante - produz em média 500 frutos, correspondente a 5 cahazos e

(1)-A produção média, neste caso, é superior em 20% em relação à que nos foi indicada pelos diversos arboricultores, o que não é de admirar devido à melhor técnica cultural empregada, e aos benefícios da rega.

que uma árvore de grande porte atinge, por vezes, 2.500 correspondentes a 14 cabazes.

Malgrado se encontre grande dificuldade em determinar com relativo rigor, nas épocas em que não é possível observar a cultura no campo, as produções por hectare das culturas destinadas exclusivamente à alimentação de gado procuramos dar um índice aproximada, resultante dos elementos que puderem ser relacionados com as informações colhidas.

- cevada: cultiva-se em solos férteis ou de médiana fertilidade onde atinge produções de massa verde compresadas entre 15.000 e 20.000 Kg.

- milho : cultiva-se como milharada em condições semelhantes à anterior, atingindo produções variáveis entre 20.000 e 30.000 Kg.

- aveia : cultivada para grão e palha, com rendimentos variáveis entre:

grão : 800 a 1.700 L.

palha: 300 a 2.000 Kg.

- ferrejo de cevada-aveia: (50% de cada) é muito usado nos solos de aluvião onde as produções variam entre 20.000 e 30.000 Kg.

- berseia⁽¹⁾, dá normalmente seis cortes, com a produção global

(1)-o engenheiro agrônomo M. Castelo Branco, facultou-nos os elementos, das observações efectuadas no posto experimental, de que é director, das forragens ensaiadas em cultura experimental.

média de 100.000 Kg., tendo sido colhido num dos cortes o máximo de 25.000 Kg.

- lucerna: produção média global anual, 80.000 Kg.
- couve forrageira (peças de Chaves): produção anual de 40.000 Kg.

As quantidades médias de sub-produtos utilizados na alimentação do gado são, para as diversas culturas e por ha., as seguintes:

Trigo-palha.....	700 Kg.
Cerada "	600 "
Arroz ""	3.500 "
Milho ""	200 "
Bagaço de azeitona.	30 " por 100 Kg. de azeitona
" de uva.....	600 "

A título informativo adiciona-se alguns elementos cedidos pelo engenheiro agrónomo Director do Posto Experimental de Culturas Regadas de Alvalade, referentes às produções de subprodutos da cultura do milho, por hectare:

Milho-híbrido: para grão, em regadio:

Desbasto.....	1.075 Kg. (verde)
Folha e bandeira.....	<u>3.000</u> Kg. "
Total....	4.075 Kg. "

Milho variedade Castro Verde, em regadio (verde)

Desbasto.....	1.500 Kg. (verde)
Cancilho, folha e palha.	<u>15.000</u> "
Total.....	16.500 "

Milho híbrido, em regadio (verde):

Desbasto.....	815 Kg.
Cancilho, palha e bandeira	<u>9.000</u> "
Total....	10.115 "

c) Equivalência das medidas concelhias

As principais são:

Alqueire.....	80 litros
Medida (líquidos).....	20 "
Moio.....	1.200 "
Alqueire (líquidos)...	10 "
Arroba.....	15 "
Alando.....	20 "
Saco de aveia.....	120 "

Na freguesia de Santo André o alqueire varia de capacidade consoante o género de que se trate, assim:

Alqueire de trigo.....	16 litros
" " " centeio...	16 "
" " " feijão...	20 "
" " " trevodo...	20 "

Alquiler de vino..... 20 litros

* * aceite.... 10 "

III - PRODUÇÃO E CONSUMO

A - Produtos que o concelho consome e não produz

Praticamente todos os produtos de consumo corrente são produzidos no concelho e, se alguma se consome, que não seja produzida, é em quantidade muito limitada.

B - Produtos locais em quantidade insuficiente

O concelho produz em quantidades insuficientes para o seu consumo os seguintes: vinho, batata, (exporta numas épocas e importa outras), azeite (importa numas épocas, produz em excesso noutras) e grão de bico.

C - Produtos em excesso

Exportam-se por excedentes as necessidades de consumo, os produtos seguintes: trigo, cevada, milho, centeio, arroz, aveia, feijão, laranja, tomate, gado bovino, gado suíno, gado ovino, galinhas, ovos e queijo.

D - Produtos e artigos importados, necessários à indústria agrícola

São principalmente os seguintes: máquinas e alfaia agrícolas, adubos (superfósfato de cal, sulfato de oxónio, cianamida, cloreto de potássio, etc.), ferrugens, fungicidas e insecticidas.

IV - COMÉRCIO DOS PRODUTOS AGRÍCOLAS

A - Modalidades

Trigo:

É obrigatoriamente entregue à Federação Nacional dos Produtores de Trigo.

Cevada e milho:

O agricultor tem a faculdade de entregar estes cereais à Federação ou vendê-los ao consumidor, ao armazémista ou ao retalhista. Geralmente a venda ao armazémista faz-se por intermédio dum comissário ou dum negociante.

Aveia:

Este cereal nunca foi adquirido pela Federação Nacional dos Produtores de Trigo, podendo a sua venda apresentar qualquer das modalidades indicadas para as transacções de cevada e milho.

Arroz:

O produtor entrega a colheita no industrial de descaque, de acordo com as determinações da Comissão Reguladora do Comércio de Arroz.

Gado vacino:

O criador vende o gado gordo ou alfeiro aos industriais de abacalharia, posto de sua conta na sede daquela, onde se

procede à respectiva pesagem.

Gado bovino:

O criador entrega o gado no mercado abastecedor de Lisboa ou, que é o caso mais geral, vai à feira com ele, vendem do-o directamente ou ao retalhista, ou outro lavrador para em gorda ou trabalho, ou a negociantes, que por sua vez o entregam ao retalhista.

IA:

O criador vende este produto directamente ou, por intermédio do Gremio da Lavoura, aos industriais de penteadão ou a outro negociante, que por sua vez volta a vendê-lo.

Gado ovino:

Pode ser vendido por meio de qualquer das modalidades apontadas para o gado bovino.

Vinho:

Normalmente o vinicultor entrega a colheita ao retalhista ou, mais raramente, ao arcanhista.

Croiss:

O criador vende ao ajuntador, que por sua vez entrega o produto a outro indivíduo o qual tem por meio envia-lo para os centros consumidores, onde é vendido ou ao retalhista ou ao industrial de pastelaria.

Laranja:

Normalmente o pomarista vende a fruta, a olho, ao po-

MAP.

B - Mercados de destino e suas tendências

A produção agrícola sobrante do consumo, destina-se ao mercado interno, não tendo sido grande, nos últimos anos, a dificuldade de colheção e preços remuneradores.

A laranja destina-se, em grande parte, ao mercado de Lisboa onde sofre a concorrência do produto proveniente do Algarve e alguns concelhos da Península de Setúbal.

A fruta apresenta geralmente bom aspecto e qualidades agradáveis, para a época em que normalmente é colhida (Dezembro-Fevereiro).

C - Ação dos organismos associativos

A lavoura dispõe dum único organismo associativo, o Grémio da Lavoura com sede em Santiago do Cacém.

Esta associação só vende a 1/3 dos produtores seus associados; no referente à produção de trigo e eventualmente cevada ou milho, limita-se a recebê-los nos armazéns da Federação Nacional dos Produtores de Trigo.

Forneces à lavoura adubos, insecticidas, fungicidas, algumas alfaias e materiais agrícolas diversos.

O Grémio da Lavoura devia organizar cooperativas de produção, fazendo, por seu intermédio, interessar o lavrador na

colocação, de frutos, lão, vinho, etc. e teria feito ao fim de algumas anos uma grande obra. Ao mesmo tempo quanto tivesse fundos suficientes devia prover a renda, o crédito, de alfaias, secagens, etc. modificando, assim, os processos comerciais de grande parte dos produtos transacionados que chegariam por preço inferior à mão do consumidor.

V - TRABALHO AGRÍCOLA

A - Salários

O valor médio dos salários agrícolas nas suas variações ao longo do ano, e nos períodos de 1935 a 1939 e 1944 a 1948, constam do seguinte:

Quadro XIX

Freguesia	Anos de 1935 a 1939				1944-1948			
	Ceifa, sacha, em vade arroz, etc. Verão		Outros trabalhos Inverno		Ceifa, sacha, em vade arroz, etc. Verão		Outros trabalhos Inverno	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Santo André	16,00	8,00	11,00	6,00	30,00	12,00	17,00	8,00
Alvalade	17,00	8,50	13,00	6,50	25,00	13,00	17,50	9,00
Cercal	12,50	6,00	9,00	4,00	25,00	12,50	17,50	8,50
S. Bartolomeu	19,00	12,50	11,50	5,50	22,50	14,00	16,50	7,50
Abela	25,00	14,00	9,00	5,00	32,50	12,50	17,00	9,00
Santa Cruz	12,00	7,00	9,00	5,00	20,00	10,00	17,00	9,00
Santiago do Cacém	12,50	10,00	12,00	6,00	22,00	12,50	16,00	8,00
S. Francisco	15,00	8,00	10,00	5,00	25,00	12,00	18,00	7,50
S. Domingos	12,50	6,50	9,00	4,50	25,00	12,00	18,00	9,00

Os trabalhos relativos à cultura de arroz só aparecem nas freguesias de Santo André e de Alvalade.

O horário normal de trabalho e tempo médio activo dia-río não é uniforme para as freguesias do concelho; a que ofere-

as maior variação, em relação à generalidade, é a de Santo André (nos trabalhos de arroz) e a de S. Domingos. Para estas temos a considerar:

Freguesia de S. André:

- de 1 a 25 de Março:

Início do trabalho... 6 horas solares; almoçados
Descanso para jantar. 1,5 horas
Fim de trabalho..... 1/2 hora antes do pôr do sol

- de 25 de Março a 15 de Agosto:

Início do trabalho... 6 horas solares; almoçados
Descanso para jantar. 1 hora
Fim de trabalho..... 1/2 hora antes do pôr do sol

- de 15 de Agosto até ao fim dos trabalhos de arroz:

Início do trabalho... 6 horas solares; almoçados
Descanso para jantar. 1,5 hora
Fim de trabalho..... 1/2 hora antes do pôr do sol

Freguesia de S. Domingos:

O trabalho de campo inicia-se às segundas-feiras pelas 11 horas e aos sábados termina às 16.

O horário normal de trabalho no concelho é o seguinte:

- de 6 de Setembro a 24 de Março:

Início do trabalho... 1/2 hora antes do nascer do sol

Descanso para almoço 1 hora
" " jantar 1 hora
Fim do trabalho..... pôr do sol

- de 25 de Março a 7 de Setembro:

Início do trabalho... com $\frac{1}{2}$ hora antes do nascer do sol

Descanso para almoço 1 hora
" " jantar 2 horas
" " merenda $\frac{1}{2}$ hora
Fim do trabalho..... pôr do sol

Tendo em conta o número de horas que o sol se encontra acima do horizonte, organizou-se o Quadro que se segue indicativo do número médio de horas de trabalho diário ao longo do ano, mais ocum no concelho:

Quadro XII

Mês	Hora		Horas de sol acima do horizonte	Horas de descanso	Horas de trabalho diário
	De nascer- mento	De ocaso			
Janeiro	7,32	17,40	9,48	2,30	7,14
Fevereiro	7,33	17,40	10,15	2,30	7,46
Março	6,50	18,44	11,54	2,30	9,24
Março	6,50	18,44	11,54	4,00	7,54
Abril	6,02	18,59	12,57	4,00	8,57
Maior	5,27	19,41	14,14	4,00	10,14
Junho	5,15	20,00	14,47	4,00	10,47
Julho	5,25	19,59	14,34	4,00	10,34
Agosto	5,50	19,31	13,41	4,00	9,41
Setembro	6,18	18,45	12,28	4,00	8,28
Setembro	6,18	18,46	12,28	2,30	9,58
Outubro	6,46	18,00	14,14	2,30	9,58
Novembro	7,19	17,26	10,67	2,30	7,37
Dezembro	7,46	17,18	9,32	2,30	7,02

Na freguesia de Santo André, e para a cultura de arroz, elaborou-se o quadro XII que esclarece, por meses, o número médio de horas de trabalho diário e o de descanso.

Quadro XXI

Mês	Horas do sol acima do horizonte	Horas de descerce	Horas de trabalho dia-via
Março	11,54	3,10	8,44
Março	11,54	3,40	8,14
Abril	12,57	4,28	8,29
Maio	14,14	5,05	9,11
Junho	14,47	5,17	9,30
Julho	14,34	5,05	9,29
Agosto	13,41	4,40	9,01
Agosto	13,41	4,10	9,30
Setembro	12,28	5,42	8,18
Outubro	11,14	5,14	8,00

B - Movimentos migratórios periódicos

Nos últimos anos com exceção dos trabalhadores desempregados das freguesias de S. Domingos e de S. Bartolomeu tem-se verificado, numa maneira geral, a saída de jornaleiros para fora da sua terra, nascendo do cimento da população e de outros factores entre os quais não devem ser estranhos: o isolamento a que a população esteve sujeita, até há poucos anos, por falta de vias de comunicação, tornando difícil as relações com o exterior, e o crescimento de rendimento do solo agrícola e a própria fuga do aborigene.

Quando a mulher emigra à procura de trabalho faz-se a companhar dos filhos adolescentes os quais suferem, normalmente

salários iguais.

Este movimento migratório dá-se praticamente durante todo o ano, de harmonia com os elementos que foi possível reunir no quadro seguinte:

Quadro XIII

Freguesia	Época	nº aproximado de emigrantes por época			Destino do tra- balho
		H	M	Rap.	
Aivalade	Novº. a Janeº.	100	-	-	Sem destino cer- to (podas, etc.)
	Abril a Maio	50	-	-	Vale do Sado (ar- roz)
Santo André	Abril a Julho	100	500	100	Vale do Sado (ar- roz)
Santiago	Novº. a Março	70	-	-	Obras públicas
Santa Cruz	Abril a Julho	50	60	20	Vale do Sado (ar- roz)
Abela	Novº. a Janeº.	70	50	-	Ferreira do ALEN- tejo (azeitonas)
	Julho a Agosto	70	50	-	Ferreira do ALEN- tejo (cifas)
S. Francisco	Maio a Junho	150	100	-	Vale do Sado (ar- roz)
Cercal	Setº. a Março	70	-	-	Sem destino certo (qualquer trabalho)
S. Domingos	-	-	-	-	-
S. Bartolomeu	-	-	-	-	-

Verifica-se, assim, que nas freguesias de S. Domingos e de S. Bartolomeu não existe emigração; no primeiro caso porque o rural prefere passar as maiores privações na sua terra de que tentar vida nova, temporária ou permanente, noutra local, e no segundo porque a crise de trabalho não se apresenta com a mesma intensidade visto tratar-se dum manancial florestal onde a densidade populacional é muito baixa.

A falta de pessoal especializado para o fabrico de cajado, torna necessário a admissão de trabalhadores rurais provenientes doutros concelhos, principalmente de Abrantes, e que normalmente não ultrapassam 100 indivíduos.

Para as levadas de arroz do curso superior do Gado entram aproximadamente 250 indivíduos dos dois sexos, para plantações, ceifas, etc.. Estes trabalhadores provêm do Algarve, da Beira Alta, da Beira Baixa e do Alto Arintejo.

c - Crises de trabalho

Nas freguesias do concelho há, durante todo o ano, elevado número de trabalhadores rurais, forçadamente inactivos quando afirmar-se que a falta de trabalho nos campos é permanente.

O número dos sem trabalho decresce sómente desde o final das secas até ao fim das ceifas dos cereais pragmáticos. Os elementos do quadro que se segue relativos ao desemprego rural, anos, épocas e intensidade, foram obtidos por inquérito e refe-

rea-se, exclusivamente, a individuos do sexo masculino, embora o desemprego rural afecte, também, notavelmente, individuos do sexo feminino.

Quadro XXXIII

Freguesia	Período	Intensidade		
		Máxima nº	Média nº	Mínima nº
S. Francisco	permanente	400	-	100
S. Domingos	(permanente (Setembro a Abril	-	50 300	-
S. Bartolomeu	Novembro a Abril	-	60	-
Cereal	Setembro a Março	-	200	-
S. Tiago	Outubro a Fevereiro	500	-	-
Abela	Setembro a Março	500	-	100
Santa Cruz	Setembro a Março	300	-	150
Santo André	(Outubro a Março (Julho a Setembro	- -	250 300	-
Alvalade	(Março a Maio (Julho a Setembro (Novembro a Janeiro)	- - -	120 200 200	-

O desemprego rural distribui-se ao longo do ano, aproximadamente, como os elementos do Quadro seguinte indicam:

Quadro XXIV⁽¹⁾

Mês	Nº de desempregados
Janeiro	2.000
Fevereiro	2.000
Março	1.800
Abril	900
Maior	400
Junho	200
Julho	700
Augusto	700
Setembro	1.900
Outubro	1.650
Novembro	2.400
Dezembro	2.400

Durante a crise aguda que se manifestou no concelho, em 1949, a Câmara Municipal procedeu ao registo-inquérito de desempregados em todas as freguesias, num total de 596 indivíduos, maiores, do sexo masculino.

Afigura-se-nos que as causas fundamentais da acentuada crise de trabalho no campo provém: de grande parte do concelho se encontrar revestido de montado de sôbro e asinho em exploração desordenada e fornecendo, deste modo, minimo irregular de dias de trabalho, por unidade de superfície; do predomínio econ-

(1) - Nós, obtidos por inquérito directo a pessoas idóneas e levado a efeito em todas as freguesias do concelho.

tuado da cultura cerealífera de sequeiro; do aumento de população; da diminuição de fertilidade do solo; e do alargamento de pousios e do desaparecimento quase total da classe dos saqueiros que foram engrossar o número de trabalhadores assalariados.

Para remediar este estado de coisas é frequente recorrer-se à realização de obras públicas locais tais como: arranjo de caminhos, de valas, de estradas, etc. cujos resultados práticos têm sido momentâneos e parciais: não se chega a colocar o montante dos sem trabalho e os que o conseguem têm obtido ocupação durante reduzido número de dias. Apenas na freguesia de Abela se adoptou o critério de distribuir os trabalhadores rurais desempregados pelos proprietários agrícolas, em número proporcional ao seu rendimento collectável.

VI - A PROPRIEDADE E A EXPLORAÇÃO

A - Tipos de propriedade

A noção de extensão de propriedade dependente do rendimento médio anual, é a mais consentânea com a realidade e a que melhor pode definir o modo de viver das populações duma região ou de uma determinada zona. À luz deste critério procurámos definir cada um dos tipos clássicos de propriedade, em função dos rendimentos, à perpetuidade das culturas mais importantes e, consequentemente, às respectivas áreas médias correspondentes a cada um.

O apuramento final destes valores com as informações colhidas pelo inquérito, vém no quadro seguinte referido às freguesias do concelho.

Freguesia	Tipo de propriedade	Selo	Cultura (1)	Área da propriedade Ha.	Pulverização Prédios	% pro freguesia
S. Francisco	Pequeníssima	Xisto	C.a.s.	até 8,20	poucos	3
	Pequena	Xisto	C.a.s.	até 16,00	"	7
	Média	Xisto	C.a.s. Sobre	210,00 90,00	vários	30
	Grande	Xisto	C.a.s. Sobre	+ de 300,00 + de 250,00	"	10
S. André	Pequeníssima	Aluvião	Arroz	até 0,38	poucos	10
			C.a.s.	até 0,75		
	Pequena	Arenoso	C.a.s.	até 7,50	"	30
			Arroz	até 0,80		
	Média	Aluvião	C.a.s.	até 1,20	vários	40
			C.a.s.	até 15,00		
	Grande	Aluvião	Arroz	7,00	"	20
			C.a.s.	38,00		
S. Cruz	Pequeníssima	Franco	C.a.s.	até 3,50	poucos	5
			Franco-arenoso	até 5,50		
			Vinha	até 0,90		
	Pequena	Franco	C.a.s.	7,50	vários	5
			Franco-arenoso	11,50		
	Média	Franco	C.a.s.	1,85	"	30
			Franco-arenoso	100,00		
	Grande	Franco	C.a.s.	140,00	"	60
			Franco-arenoso	15,00		
Santiago	Pequeníssima	Franco-arenoso	C.a.s.	480,00	poucos	5
			Xisto	650,00		
			Arenoso	40,00		
	Pequena	Franco-arenoso	C.a.s.	2,50	vários	10
			Xisto	8,20		
	Média	Franco-arenoso	C.a.s.	10,00	"	50
			Vinha	0,95		
	Grande	Franco-arenoso	C.a.s.	5,50	"	35
			Xisto	16,50		
Cereal	Pequeníssima	Xisto-talis - quanto	C.a.s.	210,00	poucos	5
			Xisto-arenoso	+ de 300,00		

		Xisto	Sobro	90,00		
	Grande	Franco-arenoso Xisto Arenoso Xisto	C.a.s. C.a.s. C.a.s. Vinha Sobro	210,00 + de 300,00 + de 2000,00 + de 40,00 + de 250,00	"	35
Cercal	Pequeníssima	Xisto-talis - quento Xisto-arenoso	C.a.s. C.a.s.	até 4,00 até 8,50	poucos	5
	Pequena	Xisto-talis - quento Xisto-arenoso	C.a.s. C.a.s.	8,20 7,20	vários	15
	Média	Xisto-talis - quento Xisto-arenoso Xisto-talis - quento	C.a.s. C.a.s. Sobro	130,00 90,00 72,00	"	30
	Grande	Xisto-talis - quento Xisto-arenoso Xisto-talis - quento	C.a.s. C.a.s. Sobro	650,00 320,00 120,00	poucos	50
Alvalade	Pequeníssima	Arenoso	C.a.s.	7,50	"	10
	Pequena	Arenoso Aluvião	C.a.s. C.a.s.	16,00 4,00	"	15
	Média	Arenoso Aluvião	C.a.s. C.a.s. Arroz	400,00 30,00 5,5	"	50
	Grande	Arenoso Aluvião	C.a.s. C.a.s. Arroz	2.500,00 115,0 17,0	"	25
S. Bartolomeu	Pequeníssima	Xisto	C.a.s.	até 8,20	"	10
	Pequena	Xisto	C.a.s.	até 16,00	vários	15
	Média	Xisto	C.a.s. Sobro	210,00 90,00	"	10
	Grande	Xisto	C.a.s. Sobro	+ de 300,00 + de 250,00	poucos	65
S. Domingos	Pequeníssima	Arenoso Xisto	C.a.s. C.a.s.	até 8,20 até 8,20	"	5
	Pequena	Arenoso Xisto	C.a.s. C.a.s.	16,00 16,00	"	5
	Média	Arenoso Aluvião Xisto Xisto e areias	C.a.s. C.a.s. C.a.s. Sobro	400,00 30,00 210,00 110,00	vários	40
	Grande	Arenoso Aluvião Xisto Xisto e areias	C.a.s. C.a.s. C.a.s. Sobro	2.500,00 + de 115,00 + de 650,00 + de 280,00	"	50
Abela	Pequeníssima	Arenoso	C.a.s.	8,20	poucos	10
	Pequena	Arenoso	C.a.s.	16,00	"	20
	Média	Arenoso	C.a.s. Sobro	210,00 100,00	vários	50
	Grande	Arenoso	C.a.s. Sobro	+ de 2000,00 + de 270,00	"	20

(1) C.a.s. - cultura arvense de sequeiro

A distribuição da superfície total do concelho pelos diversos tipos de propriedade e tendo em conta a área que a cada um deles foi atribuída no Boletim da Direcção Geral de Agricultura de 1994, pode ser expressa em percentagens e pelas áreas médias de cada um dos tipos considerados, conforme os números do quadro seguinte, aproximadamente, indicam:

Quadro XXVI

Tipo de propriedade	Distribuição da área do concelho %	Área média de propriedade Ha.
Pequenissima	7	5,5
Pequena	18	10,5
média	45	140,0
Grande	37	625,0

Os únicos casos de propriedade anormal são os de fôrce e arrendamento a longo prazo, nas seguintes modalidades:

- o proprietário tem direito, no fim do prazo de arrendamento, às benfeitorias efectuadas pelo rendeiro;
- o proprietário não tem direito às benfeitorias efectuadas pelo rendeiro, e este pode vendê-las e sublocá-las a terceiros que tem de renda, tendo o proprietário direito de opção.

B - Valores venais médios

Normalmente os valores venais observados são os de rendimento capitalizados à taxa de 5%. Se aqueles se afastam do indicado, deve exclusivamente atribuir-se a causas anormais (proximidades de povoações, terras encravadas, etc.) notando-se, contudo, que os preços por unidade de superfície aumentam na razão inversa da área transaccionada.

Com os elementos a seguir indicados procuremos dar I - deia da variação dos valores venais, por ha., das diversas terras de concelhos:

- Solos xistosos de serra, com exclusiva exploração de culturas arvenses..... 2.500\$00
- Solos arenosos do litoral ou do interior destinados à cultura arvense de sequeiro..... desde 1 a 3.000\$00 (1)
- Solos xistosos de serra de meia encosta destinados à cultura arvense de sequeiro..... 4 a 6.000\$00
- Olivais em solos arenosos..... 4 a 6.000\$00 (2)
- Montados, (variável com a densidade do povoamento e crescimento anual)..... 4 e mesmo 5 a 25.000\$00 (3)
- Solos de aluvial em cultura agrícola de sequeiro. 6 a 12.000

(1)- Mais frequentes a 1.500\$00.

(2)- Julga-se que este valor fica muito abaixo do corrente para as outras terras.

(3)- Em função da maior ou menor fertilidade.

- Selos com possibilidades para a cultura de arroz:

pequenas parcelas de baixa fertilidade, encravadas no meio de extensas areais.....	0 a 10.000,00
terrenos explorados continuamente com esta cultura, com águas de pé, abundante, e de elevada fertilidade.,.	40.000,00
Idênticos ao anterior mas que necessitam elevação de águas.....	30.000,00
Selos de fertilidade intermédia com água de pé ou elevada.....	10 a 18.000,00
Grandes prédios possuindo terras descarborizadas, montados do abôro e da azinheira em consociação, terras regadas, etc., prédios que podem considerar-se o tipo médio do concelho	3,5 e 4.200,00

C - Fornas de exploração

Conquanto a exploração florestal seja praticamente de conta própria, entre tanto não accede às culturas efectuadas sob coberto e à exploração pecuária, que aproveita o fruto do sobreiro e mais raramente o da azinheira.

Pelo inquérito realizado conclui-se que 60% da área agrícola do concelho é explorada de conta própria, residindo normalmente o proprietário no concelho.

A área abrangida pelo arrendamento é, aproximadamente,

de 40% da área total, aceitando como boas as informações dadas.

Os contratos são normalmente verbais, contudo aparecem alguns escritos sob a forma de escrituras públicas ou sómente por meio dum carta, contrata, que mantém igual garantia por as duas partes assim o compreenderem e respeitarem. Mais de 80% da área arrendada do concelho tem contratos verbais, com duração variável de 1 a 4 e 5 anos, os quais se renovam frequentemente, com ou sem ajustamento de renda, por acordo das partes contratantes.

O arrendamento predomina na grande propriedade, embora se arrendem, também, sítios e pequenas. Os proprietários que cultivam de conta própria parte da propriedade, arrendando a outra; este facto é frequente dentro de mesmo prédio, principalmente quando neste existem possibilidades de cultivar arroz ou outras culturas regadas.

O valor médio da renda é por ha., aproximadamente o seguinte:

- terras arenosas, fracos.....	1/3 da semente
- " " " bons.....	1/8 " "
- " " de rizto, regulares.....	1,8-1,4 da semente (terrás novas)
- terras com a área dum uólo de sementeira de trigo, aproximadamente 160 Ha., 1.000\$00 ou seja.....	65\$00
- uma herdade, com 800 ha. foi arrendada por 60.000\$00, com a obrigação de <u>juntar</u> a cortica que pertence ao proprietário ou seja o correspondente 8.....	100\$00

- terras de arroz já ordenadas:

1)-Do curso superior do Sado..... 8 a 3.400\$00

2)-Em Santo André:

terras de 1º. classe..... 2.600\$00

terras de 2º. classe..... 2.000\$00

Nº um arrendamento no curso superior do Sado é razão de 400\$00 por ha., mas o rendeiro obriga-se a construir uma albufeira e a efectuar de sua conta o ordenamento.

Verifica-se que as rendas em dinheiro têm aumentado com a subida do preço dos produtos, e que as rendas em géneros se têm mantido sensivelmente constantes.

São variadas as causas que determinam a frequência do arrendamento, entre as quais se podem salientar as seguintes:

- falta de capital circulante ou de crédito que o substitua;
- uniformidade de rendimento;
- impossibilidade de assistência, quando o proprietário responde afastado ou mesmo fora do concelho ou tem outras ocupações mais remuneradoras;
- impossibilidade de administração directa de algumas terras de menor fertilidade, quando o proprietário possui outras que lhe ocupam toda a sua actividade;
- incapacidade física do proprietário em administrar directamente o seu próprio;

- desconhecimento das técnicas culturais (caso do arroz);
- incapacidade administrativa;
- diminuição dos riscos (aparentemente)

Pelo exposto pode erradamente inferir-se que não existem casos de parceria ou que, pelo menos, sejam raros; tal facto não é verdadeiro, porque existem em elevado número, mas como parceiros de rendeiros e não como parceiros de proprietários. Desta facto resulta não aparecer qualquer percentagem a esta forma de exploração em função da área, por ser impossível a desctrinça entre os dois tipos de agricultores.

Além disso não existe a típica parceria, mas sim o caso do sequeiro que cultiva a racão, principalmente trigo, cevada e aveia. Sómente na área de Santo André se cultiva arroz nata agonalidade.

A repartição dos produtos faz-se indiferentemente, no campo ou na cira.

Como é fácil de compreender a cota de parceria varia com a fertilidade do solo, ou melhor, com a respetiva produtividade.

Nos últimos anos sómente na freguesia de Abela se verificou aumento da racão que passou de ½/10 e mesmo de ½/15 para ½/6 e ½/8, motivado por maior precura de terra. No entanto, este aumento só foi observado na cultura de trigo, mantendo-se a dos outros cereais de sequeiro. Outro tanto sucedeu às rações de arroz

na freguesia de Santo André, a qual passou de ½ e ⅓ para ⅔.

Segundo o inquérito levado a efeito nas freguesias do concelho, as rações variam, com os solos cultivados, da forma seguinte:

- Solos arenosos.....	⅔ a ⅖
- " " de serra, rioscos com declive.....	⅔ a ⅖
- " " " " planos de fraco declive.....	⅔ a ⅔
- Solos de serra, rioscos.....	⅔ a ⅔
- " " xisto.....	⅔ a ⅔
- " " " várzea de sequeiro.....	⅔ a ⅔
- " " " regada (arroz).....	⅔

O número de sequeiros tem diminuído porque o proprietário não tendo terra para arroçar, cultiva ou arrenda a que antes dava à ração onde aquele fazia nozes. Além deste facto há a registar, da parte do sequeiro, a falta de numerário para fazer face às despesas resultantes dos prejuizes sofridos ao longo dos anos que se seguiram àqueles em que conseguia amortizar algum pecúlio na esperança de melhores dias que viessem e lhe aumentassem a fertilidade do solo, que este é o proprietário tinhão apontado em levar à extrema penúria.

As culturas arvenses de sequeiro são indiferentemente exploradas na pequenissima, pequena, média ou grande propriedade, tanto de conta própria como de arrendamento.

As culturas arvenses regadas são cultivadas do mesmo modo em todos os tipos de propriedade, mas mais frequentemente nas de arrendamento e de parceria, do que nas de conta própria.

As vinhas e posares cultivam-se em todos os tipos de propriedade, mas com predominio absoluto nas de conta própria.

Como em todas as formas de exploração a agricultura se faz de igual modo, julga-se que não existem vantagens ou inconvenientes para cada uma delas, não havendo reflexo nas consequentes produções.

VII - CONSTRUÇÕES RURAIS

A - Silos

Encontram-se três silos em funcionamento e não há conhecimento de a Igreja abandonado. Dois destes silos são propriedade do Posto de Culturas Regadas de Alvalade.

Numa região onde não há prados naturais e os que os pastores variam no verão, não se pode explorar racionalmente a terra nem a existência de gado, o qual deverá ter a sua ração dependente das disponibilidades de feno, silagem, concentrados, etc., produzidos na própria exploração.

Quer isto significar que toda a exploração agro-pecuária deve estar apetrechada com silos de maior ou menor capacidade para armazenar culturas forrageiras, propositadamente cultivadas para tal fim, ou mesmo a ervagem espontânea que abunda em certas épocas do ano e desaparece totalmente noutras.

B - Nitreiras

Há duas nitreiras em funcionamento, uma coberta e outra descoberta. Semi-abandonada encontra-se uma, cuja melhor, foi-lhe dada aplicação diferente ao fim para que foi construída e isto por incuria do rendeiro ou pelo desconhecimento sobre os benefícios que colheria se aproveitasse na fertilização das terras que explora toda a matéria orgânica que, deste modo, desperdiça.

Como para o caso dos silos, a construção de nitreiras impõe-se para integral aproveitamento de estrumes (palhas, matos, dejectos sólidos e líquidos etc.)

o - Alojamento de animais

A maioria das instalações não satisfazem às mínimas condições de higiene. Exceptuam-se tyros vacarias de gado de rendimento, exploradas para a produção de leite que estão nas condições mínimas exigidas, para o fim a que se destinam.

As principais deficiências a apontar são:

- pavimentos térreos permeáveis onde se dão as mais variadas fermentações;
- coberturas que não evitam as bruscas oscilações térmicas do exterior;
- paredes que não permitem qualquer limpeza, por estarem construídas de adobes, caniço, pedra solta, etc;
- ausência de janelas, pelo que se tornam precários o arrefecimento e a entrada de luz.

Não há ovis propriamente ditos, porque o gado ovino e caprino dorme permanentemente no campo, metido nos bardos durante a noite, em parte do dia, com plena liberdade na restante.

SEGUNDA PARTE

INQUISICIÓN FLORES SÁEZ

I - IMPORTÂNCIA FLORESTAL DO CONCELHO

A - Importância e situação dos mosaicos florestais

1 - A relação existente entre a área ocupada pelos mosaicos florestais, a área agrícola e a área inculta pode ser dada, aproximadamente, pelas seguintes percentagens:

Área florestal.....	66%
" agrícola.....	37%
" inculta.....	3%

Na área florestal, está incluída uma parte agrícola, pois que, em muitos povoados, é feita cultura sob coberto.

2 - A distribuição das manchas arborizadas faz-se de maneira de tanto irregular pelas várias freguesias do concelho.

Melhor se poderá dar ideia dessa distribuição, apresentando os números obtidos para cada uma das freguesias:

Freguesia de S. Domingos....	60%
" de Santa Cruz.....	60%
" de Abela.....	60%
" de Santo André....	10%
" de Santiago.....	50%
" de S. Bartolomeu..	90%
" de S. Francisco... .	60%
" de Alvalade.....	50%
" de Geroual.....	20%

Existem no concelho muitos povoamentos cujo solo não foi ainda agricultado, embora o mate tenha sido, por vezes, cogtado e arrancado e o terreno lavrado. Em todos os contados tem-se feito sentir a influência do homem, embora algumas a vegetação arbustiva e sub-arbustiva apresente, ainda, associação floríferas que se aproxima da floresta primitiva.

Essa associação compõe-se principalmente do madronhal ro, da arceira, do pitcaípo, da murta, do sargão, da enqueja, da urze, do tojo, do rosmarinho, do sanguiche e da giesta.

Pode dizer-se que, em todas as cotações do concelho, desde a beira-mar até ao ponto mais elevado, se encontra arvoredo. A maior percentagem localiza-se, porém, entre os limites 50 e 850 metros.

5 - As espécies florestais indígenas que constituem a maioria são, por ordem decrescente, o sobreiro, a azinheira e o pinheiro bravo.

O sobreiro vegeta em todo o concelho e tem sobre estas duas espécies grande predominância.

Nojo, é quase a única essência com valor económico.

Damos a seguir a forma como se distribuem nas várias freguesias as espécies florestais citadas:

S. Domingos - sobreiro, seguido de azinheira, mas este em pequena percentagem.

Santa Cruz - sôbro e pinhal

Abela - sôbro, seguido de azinheira

Santo André - pinhal e sôbro

Santiago - sôbro seguido de pinhal

S. Bartolomeu - sôbro seguido de azinheira, mas em muito menor quantidade

S. Francisco da Serra - sôbro e alguma pinhal

Alvalade - sôbro, seguido de azinheira

Cercal - sôbro

O sobreiro aparece em todo o concelho; a azinheira só nas freguesias situadas no centro, na parte sul e no interior; o pinhal nas freguesias do litoral com mais intensidade e, nas outras, apenas em pequenos núcleos.

Julgamos haver vantagens no alargamento da cultura do pinhal, sobretudo na parte costeira que se encontra muito desmatada. Pode considerar-se a única valorização dos terrenos de dunas que ainda ocupam uma área bastante extensa na parte Oeste do concelho (freguesias de Santo André, Santa Cruz e Santiago). Proteger-se-iam, deste modo, os terrenos marginais dos ventos maiores e do consequente arrastamento das areias do litoral.

4 - Não existem espécies exóticas formando povoamentos.

3 - Importância e situação das essências dispersas ou constituintes povoamentos de área muito reduzida

3 - Entre as essências secundárias, a única que tem tido algum desenvolvimento, chegando a aparecer em pequenos povoados mas de reduzida área, é o eucalipto.

As outras, tais como o carvalho, o freixo, o ulmeiro, o amieiro, o choupe, o salgueiro, o castanheiro e a nogueira, só aparecem ladeando algumas linhas de água e nunca se podem considerar mais do que árvores isoladas.

Seria vantoso alargar a área de plantação do eucalipto, pois que haveria muitas terras de creia, tanto na parte central, como na parte nascente do concelho (freguesias de S. Domingos, Gercal e Alvalade) que ficariam muito valorizadas com essa plantação.

Para as outras espécies mencionadas, também haveriam vantagens na sua plantação, pois que, pela sua localização, muito contribuem para a correção dos leitos dos ribeiros e segurança das margens.

O castanheiro e a nogueira encontram-se sobretudo na parte sul do concelho e parecem-nos bem adaptadas e com boa porte. Desnecessário seria encarecer, dado o valor destas espécies, a grande vantagem económica para o concelho de proceder à plantação de ~~mais~~ indivíduos.

6 - Existem três árvores de notável desenvolvimento:

- na freguesia de Santa Cruz, o pinheiro manso denominado da Fonte Branca;
- na freguesia de Abelha, um sobreiro pertencente a António Rodrigues situado na Borralha e produzindo 115 arrobas de cortiça;
- na freguesia de Alvalade junto à Estação do Caminho de Ferro, o sobreiro da Lapa, pertencente a Manuel do Rosa, árvore que dà 120 arrobas de cortiça, tem de altura 40 metros, D.A.P. 6,5 metros e envergadura cerca de 30 metros.

7 - Parques ou arboretos de interesse botânico não existem, pois todos os terrenos, com maiores ou menores intervalos, têm sido objecto de exploração, quer para matos, quer para cultura.

8 - Importância económica-social da silvicultura

8 - A única espécie florestal com importância económica no concelho é o sobreiro.

Tanto o pinheiro como a espinheira encontram-se em área tão reduzida em relação a este, que não podemos compará-los em importância com esta espécie.

Pela percentagem atribuída para a cultura florestal mencionada, em que a maior parte pertence aos montados de sobreiro, se

pode verificar a importância assumida pelo sobreiro em toda a vida económica do concelho.

Pela natureza pobre dos seus terrenos e pelo acidente de muitos, é a cultura florestal a sua maior e melhor valORIZAÇÃO.

Acerca-se a isto ser a madeira disponíssima e a de renovação mais certa, embora também esteja sujeita a crises de procura e de preços.

Pode dizer-se que toda a lavoura, desde a mais modesta, possui sobreiros, sendo a cortiça o mais alto valor económico de todo o concelho em volta da qual se movimenta elevada soma de capitais.

9 - O interesse sob o aspecto social da cultura florestal é também bastante grande, pelos braços que emprega nas épocas dos seus granjeios, podas no inverno e descortiçamento no verão, lavouras de ento e apascentamento de gado porcino; todos estes trabalhos são executados com pessoal do concelho.

O fabrico da cortiça no concelho utiliza ainda muita mão de obra, pois as fábricas que são bastantes empregam, quase todo o ano e em vários locais do concelho, número agradável de operários.

Poderemos dizer que, por estes motivos e ainda por outros não tão sensíveis, mas nem assim importantes, como sejam a protecção feita aos terrenos de cultura, o abrigo dos nevões nos ver-

tos dominantes, a segurança das terras e a regularização de cí-
ma, este cultivo é, de grande interesse sob o aspecto social.

II - A PROPRIEDADE E A EXPLORAÇÃO FLORESTAL

A - Conceito regional da extensão da propriedade florestal

10 - A distribuição da área florestal por proprietários e propriedades, faz-se da seguinte maneira nas várias freguesias:

S. Domingos - grande propriedade e grandes proprietários 70% da sua área florestal; média e pequena propriedades e nos médios e pequenos proprietários, 30% da área florestal.

Santa Cruz - grande propriedade e grandes proprietários 40% da área florestal; média propriedade e médios proprietários, 20%; pequena propriedade e pequenos proprietários, 40%.

Abela - grande propriedade e grandes proprietários, 30% da área florestal; média propriedade e médios proprietários, 30%; pequena propriedade e pequenos proprietários, 40%.

Santo André - grande propriedade e grandes proprietários, 70% da área florestal; média propriedade e médios proprietários, 30%.

Santiago - grande propriedade e grandes proprietários, 30% da área florestal; média propriedade e médios proprietários, 60%; pequena propriedade e pequenos proprietários, 10%.

S. Bartolomeu - grande propriedade e grandes proprietários, 60% da área florestal; média e pequena propriedades e médios e pequenos proprietários, 40%.

S. Francisco da Serra - grande propriedade e grandes proprietários, 10%; média propriedade e médios proprietários, 60%, pequena propriedade e pequenos proprietários, 30%.

Cercal de Alentejo - grande propriedade e grandes proprietários, 50% da área florestal, média propriedade e médios proprietários, 50%.

Alvalade - grande propriedade e grandes proprietários, 80% da área florestal; média propriedade e médios proprietários, 15%; pequena propriedade e pequenos proprietários, 5%.

Esta distribuição dá ideia, pelo menos, para cada freguesia e para o concelho, da forma como está nela dividida a propriedade florestal.

No seu conjunto predomina a grande propriedade florestal, seguida de muito perto da média e por fim da pequena.

A noção de grande propriedade consegue fixar-se com facilidade por não oferecer dificuldades à sua classificação. Outro tanto não sucede com as definições de média e pequena propriedades, pois é difícil distingui-las até que limite se consideram uma média e uma pequena propriedade.

Para os proprietários a dificuldade subsiste e depende do critério de cada uma das freguesias e até dos informadores.

Não admira que a cultura florestal esteja, em maioritário, na posse dos grandes proprietários pois, pela sua própria natureza.

reza, ele não se coadunarria com uma excessiva divisão da propriedade intimamente ligada a uma exploração cultural, em que o terreno ficas entregue a uma cultura intensiva.

B - Técnica cultural empregada

II - Nos montados de sobre e nos mistos de sobre e azinheira, as práticas culturais mais empregadas são: lavouras, podas, desmoltas e desbastas.

As lavouras não têm regularidade, dependendo sobretudo dos costumes maiores ou menores d'ales no terreno de montado. Outras vezes as lavouras são feitas exclusivamente como fazendo parte do tratamento do montado, pois na maioria das vezes não se faz cultura sob-coberto.

Neste último caso as lavouras são feitas com a regularidade permitida pelas disponibilidades financeiras do lavrador, sendo os espaços entre aquelas sempre relativamente grandes.

As desmoltas têm por fim limpar o montado de mato, mais esse o fim de exploração, muitas vezes abusiva, do que de tratamento, sendo os produtos destinados a combustível e para canas de gado, para fabrico de estrumes.

Algumas freguesias ainda se usam as moraias.

As podas efectuam-se num locais, de 6 em 6 de 10 em 10 e de 15 em 15 anos e as Lavouras com o mesmo intervalo; noutras, de 5 em 5 anos e as lavouras de 4 em 4, ou também de 3 em 3 anos.

e o arranque do mato de 2 em 2 anos.

A crítica a apresentar a estes trabalhos e as sugestões para a sua melhor execução, são as seguintes: evitar quanto possível, sobretudo nos terrenos inclinados, as despelas de mato e as lavouras, dando aos montados que estão nestas condições uma constituição florestal o mais aproximada possível da natural. Não fazer cultura sob-coberto pelo gasto excessivo de matéria orgânica que provoca, pelo sucessivo empobreecimento do terreno e consequente depauperamento do arvoredo e que tanto se faz notar na qualidade da cortiça produzida e na menor resistência do arvoredo às doenças.

Para a canhaeira já é necessário fazer lavouras mais raras e podas de frutificação, com o fim de melhor produção de lânde, dado a finalidade de exploração dessa árvore. No pinhal os tratamentos efectuados são: as desmoitas, as desurvas, (mais com final de exploração que de tratamento) e as desbactas.

A respeito dos tratamentos culturais a que estão submetidas estas duas últimas espécies, não apresentamos qualquer sugestão, nem temos critica a fazer.

C - Exploração

12 - No todo o concelho o regime de exploração das escoenias florestais, quer no grande, na média ou na pequena propriedades, é o de conta própria, para a cortiça e para as lândas, canas e madeiras do pinhal, mesmo que a propriedade esteja dividida

de renda. A lade de sôbro ou de azinheira, a pastagem do chão do montado e, por vezes, as lenhas da poda, entram no arrendamento, sendo, portanto, exploradas pelo rendeiro.

Existe, mas muito raro, um ou outro arrendamento de corteça, mas esta forma de exploração tende a desaparecer.

13 - O produto florestal que abunda no concelho é a corteça.

A extração do material lenhoso é mais ou menos equilibrada com a capacidade de produção dos povoados, não se notando nem grandes cortes de arvoredo, nem grandes arraiaias, isto quanto ao sôbro e azinheira; quanto ao pinhal, só actualmente tende para o equilíbrio, pois todos os seus povoados sofrem tal cortes durante a última guerra, que o melhor que lá existia desapareceu. Pode dizer-se, mesmo, que pinhal para produzir madeira existe muito pouco.

Quanto ao eucalipto a sua área é tão reduzida que não merece qualquer referência.

Dada a grande aptidão dos terrenos do concelho para a cultura florestal, sobretudo para o sobreiro, não há necessidade de realizar plantações ou sementeiras desta essência, visto a regeneração natural do montado fazer-se muitíssimo bem.

Quanto ao pinheiro e ao eucalipto, nota-se certa tendência para a sua sementeira e plantação, o primeiro na parte mais próxima do litoral e o segundo na mais interior do concelho.

Haveria extraordinária vantagem na cobertura com pinhal de toda esta faixa costeira que se estende por alguns quilómetros desde a lagoa de Santo André até à lagoa de Sancha, em toda a extensão a este do concelho e que hoje tem só mato rasteiro ou não nenhum.

Naí adviria grande protecção para os terrenos interiores, dificultando o arrastamento das areias do litoral e defendendo, deste modo, as culturas que neles se façam.

14 - Não existe qualquer exploração organizada, quer seja particular, do Estado, ou colectiva.

15 - Os produtos de exploração dos povoamentos são os seguintes: cortiça, com importância e valor muito superior a todos os outros, mesmo considerados no seu conjunto, madeira de azincho e de sôbre, lenha e carvão de sôbre e de azincho, rama e lenha de pinhal, lenha de eucalipto, casca de sôbre e, por último, com qualquer regularidade na sua exploração, resina.

Quanto à cortiça, as sugestões para o aumento da produção e melhoria da qualidade, já ficaram expostas no parágrafo II e desnecessário se torna repeti-las.

Quanto à lenha e carvão de sôbre ou de azincho, não se pode pensar em aumentar a sua produção, pois isso traria como consequência um desbaste ainda maior no arvoredo do que aquele a que já hoje se assiste nalguns pontos do concelho.

O arvoredo está suficientemente limpo de rama e a densidade do mesmo não é de molde a poder suportar grandes desbastes.

Na parte do pinhal também se assiste a um período de reconstituição, incapaz de poder fornecer, portanto, grande massa de material lenhoso, tanto no que diz respeito a ramos, como a lenhas.

A resinação faz-se naquelas pinheiras do concelho, mas em tão pouca quantidade, que apenas merece referir a sua existência. O valor deste produto é ainda muito pequeno, ou quase nulo. À medida que os povoamentos se vão reconstituindo será prática de econcelhar e desenvolver.

Na parte referente a outros produtos, podemos incluir a exploração de varas de medronheiro com o fim de servirem para o enfardamento da cortiça, e a exploração de matos para as camas de gado e combustível.

16 - Pelo inquérito às várias freguesias do concelho, podemos atribuir aos produtos florestais, a seguir discriminados, as seguintes produções médias:

Cortiça - as produções médias são de 1 arroba por árvore (produção aos 10 anos), em S. Francisco da Serra, até 5 arrobas em Alvalade.

A primeira vista é difícil de conhecer uma tal variação, mas se atendermos à densidade do arvoredo nos vários pontos do concelho e ao crescimento e consequente peso da cortiça nas várias freguesias, acharemos a justificação dos números apresentados.

Na zona serrana, nota-se um crescimento mais lento do arvoredo e da cortiça (melhor qualidade, mas menor peso), na mais plana, ou menos acidentada, maior crescimento do arvoredo, devido à melhor qualidade do terreno e às lavouras a que o mesmo está sujeito, com menor qualidade da cortiça, embora com maior peso.

Segundo informação local, na freguesia de Santiago, a produção média é de 110 arrobas de cortiça por hectare, embora este número esteja um pouco longe da média no concelho.

Boleta de azinheira - os números fornecidos são muito incompletos, dada a irregularidade da produção: assim, um hectare de montado poderá engordar um cão, um não, dois porcos, ou sejam no todo um aumento de 8 arrobas de carne, (freguesia de S. Bartolomeu).

Lande de sobreiro - a dificuldade para apresentar a produção de fruto dos sobreiros ainda é maior, dada a grande irregularidade na produção, pois só de 8 em 5, ou de 4 em 4 anos o sobreiro carrega, e o valor alimentar bem como a procura pelo que é menor que para a de azinheira. Como média um hectare de sobreiro adulto dá para engordar um porco, ou sejam 5 a 4 arrobas de a - crescimento de peso.

Na freguesia de Santiago obtive-se por informação de um lavrador um caso concreto para a engorda de gado porcino: 16 meios de boleto, ou sejam 96 alqueimes, engordam 1 porco (4 arrobas em média).

Na folhas de cultura, o rendimento por hectare, chega

a ser maior com a produção de lenha para engorda, do que com a produção de cortiça.

Lenha e carvão de sôbre e de azinheira - é difícil encontrar um número médio para o concelho, dada a irregularidade na exploração, tanto nas podas, como nos desbastes. Como média de produção para a lenha de sôbre ou de azinheira, proveniente de podas, pode atribuir-se 1 arroba por árvore, sendo as mesmas efectuadas de 5 em 5, ou de 6 em 6 anos.

As árvores cortadas em desbaste produzem, em média, 2 toneladas de lenha que reduzidas a carvão dão 7/3 ou 7/4 cento quantidae.

Lenha e rama de pinhal - nas freguesias onde existe pinhal faz-se a exploração de rama e lenha, mas não foi possível obter a produção por hectare destes produtos.

Madeira de pinhal - ainda se extraí de alguns pinheiros, mas paramento devido aos grandes cortes efectuados há alguns anos neste concelho.

Lenha de eucalipto - também nos locais onde se encontra o eucalipto se faz o corte para lenha, mas não se conseguiu apurar qualquer número referente à quantidade produzida.

17. - Os preços médios dos vários produtos da exploração florestal considerados na origem, podem computar-se em:

Para a cortiça: amadiz - 18 a 26\$00 e atinge até 27 a 30\$00 por arroba na região serrana; virgem 10 a 16\$00 por arroba.

ba; bocados 8 a 10\$00 por arroba.

Casca de sôbre e de azinheira: 10\$00 por arroba

Carrado de sôbre e de azinheira: 8 a 9\$00 por arroba

Lenha de sôbre ou de azinheira: 70 a 80\$00 a tonelada

Poleta de sôbre e de azinheira: 5 a 6\$00 o alqueire

Lenha de pinho: 40 a 50\$00 a carrada de 60 arrobas

Rama de pinho: 10\$00 una zarpada de 60 arrobas

Madeira de pinhal: 800\$00 o setro cúbico

Lenha de eucalipto: 80\$00 a carrada de 60 arrobas

Varetas de madronheira para fardos de corteira: 5\$00 cada arroba, já feitos em molhos

Unto: 60\$00 cada carrada de mares de 50 arrobas ou 100\$00 cada carrada de boia de 50 arrobas.

18 - Ligadas à exploração florestal existem muitas fábricas que cozem, enfardam e transformam a corticeira. Existem, também, algumas fornos de carvão que utilizam as lenhas de sôbre e de azinheira que não são consumidas em natureza.

Das principais citaremos as seguintes:

Alfredo Leonor Cercas, Santiago do Cacém, transformadora; António Augusto Sampaio, Santiago do Cacém, preparadora; António Costa, Bruiadas-Gare, transformadora; António Damião Ramalho Cid Jr., Alvalade, preparadora; António Gonçalves da Silva

Jr., Santiago do Cacém, preparadora; António de Jesus Rosa, Alvalade, transformadora; António Lopes Paula de Matos, Santiago do Cacém, preparadora; António da Silva Júnior Abela, preparadora; Artur de Sousa Pinto, Ermidas-Gare, preparadora; Empreza de Cortiça de Santiago, Ltda., Santiago do Cacém, preparadora; Benedito Guerreiro dos Santos, Santiago do Cacém, preparadora; Felisberto Pica, Santiago do Cacém, preparadora; Francisco Gonçalves, Santiago do Cacém, preparadora; Francisco Rita de Sousa, Ermidas-Gare, transformadora; Gonçalves & Douradinha, Ltda., Ermidas-Gare, preparadora; Joaquim Alves Júnior, Ermidas-Gare, transformadora; Joaquim Jacinto, Ermidas-Gare, transformadora; Joaquim Luís, S. Bartolomeu de Messines, preparadora; Jorge Barroso Santiago, Azinhaga do Prado, preparadora; José Jacinto, Ermidas-Gare, transformadora; José Lourenço Gonçalves, Santiago do Cacém, transformadora; José Neves Galapés, Cercal do Alentejo, transformadora; José Violante, Santiago do Cacém, transformadora; Leonilde Santos Diogo, Abela, preparadora; Luís Correia Mendes, Ermidas-Gare, transformadora; Manuel dos Santos, Santiago do Cacém, transformadora; Roma & Durões, Ltda., Santiago do Cacém, preparadora; Silvestre & Coelho, Santiago do Cacém, preparadora; Sociedade de Cortiças do Cercal, Ltda., Cercal do Alentejo, preparadora; Sociedade de Cortiças do Quintinho, Ltda., Santiago do Cacém, preparadora; União Corticeira do Rondeiro, Ltda., S. Francisco da Serra, preparadora;

Sob os aspectos social e económico é de toda a vantagem a existência destas indústrias no concelho e só haveria in-

terceiro no seu aperfeiçoamento para ajudar a resolver as crises periódicas de trabalho.

19 - Os produtos da exploração florestal têm o seguinte destino:

Lardo de azinheira e bolota de sobre - consumo local na engorda do gado suíno.

Lenhas de sobre e de azinheira - consumo local

Carvão de azinheira e de sobre - consumo local e mercado interno.

Lenhas de pinho e de eucalipto - consumo local.

Rama de pinho - consumo local

Cortiça - mercado interno, a menor parte é mercado externo e a maior quantidade.

20 - Considerando-se a produção média de cortiça entre 150 a 200 arrobas por hectare, e, sabendo-se que um homem em média tira 15 arrobas por dia, um hectare dá trabalho diário, na época de descortiçamento, a cerca de 10 homens.

Poi possível pelos inquéritos às freguesias de S. Bartolomeu e Alvalade, apresentar dois casos concretos de quantidades de cortiça produzida e do custo da produção.

Para a freguesia de S. Bartolomeu:

- 1.700 arrobas de cortiça anual e 300 arrobas de cor-

tiga virgem e bocados levaram 95,5 dias de homem para tirar; 8 dias de homem para espilhar; 30 dias de carreiro de carro de bois e 30 dias de molheiro para carregar e juntar na pilha e 4 dias de homem para realizar a pesagem, ou seja por cada 150 arrobas, produção média por hectare, o emprego de 11 dias de homem, número este que muito se aproxima do acima apresentado.

Para a freguesia de Alvalade:

- 365 arrobas de cortiga anadia, 115 arrobas de cortiga virgem e 25 arrobas de bocados gastaram 24 dias de homem para tirar, 3 dias de carreiro e 3 dias de molheiro para juntar e espilhar e mais 2 dias de homem para realizar a pesagem ou seja por cada 150 arrobas, produção média por hectare, o emprego de 10 dias de homem.

Quanto aos gastos efectuados por arroba para o primeiro caso:

95,5 dias de homem a 25\$00.....	2.387,50
20 " " carreiro a 60\$00.....	1.200,00
20 " " ajudante a 18\$00.....	360,00
4 " " homens na pesagem a 25\$00.	100,00
Segaro da pilha.....	350,00
" do pessoal.....	<u>92,00</u>
Total de despesa para as 2.000 arrobas	4.428,50
Despesa efectuada por arroba.....	2.214,25

- Para o segundo caso:

24 dias de homem a 27,00.....	648,00
3 " de carreiro a 70,00.....	210,00
3 " de ajudante a 15,00.....	45,00
2 " de homem na passagem a 20,00...	<u>40,00</u>
Total de despesa para as 503 árvores	953,00
Despesa efectuada por arroba	1,690

Não que atender à circunstância de nessa segunda conta não se ter entrado com os seguros da pilha e do pessoal, certamente por não terem sido efectuados.

Nas restantes freguesias, embora com o pormenor das duas, confirma-se que a despesa média efectuada era de cerca de 2 a 2\$50.

Nas pedras em azinheira ou em sobre - torna-se mais difícil apresentar um número médio, pois os proprietários muitas vezes não fazem a conta a tal trabalho por o mesmo ser feito à safragem, pela lenha ou carvão que produz e que é dividido entre o arrendatante e o proprietário. No entanto ainda se obtiveram dois números, um para a freguesia de Santiago (um homem ganhando 20,00 diárias limpa 15 árvores médias), outro para a freguesia de Alvalade (um homem ganhando ou menos 20,00 limpa por dia 7 árvores médias). A denominação de árvore média é que varia de freguesia para freguesia.

No roçar de mato - 1 hectare ocupa, em média, 6 homens com um salário de Rsc. 18500.

No laborear dos montados - 2 a 3 dias de junta de bois ou de parelha de mureas, por hectare.

21 - As únicas indústrias ligadas à exploração florestal são as da cortica, do carvão e uma pequena serração que trabalha algumas madeiras de pinho das freguesias de Santa Cruz, Santiago e Santo André, mas só madeiras para interiores (barrotes e vigas).

A cortica é normalmente extraída pelos proprietários que a vendem directamente ao fabricante, ou a intermediários.

Por vezes, depois de fabricada, torna a ser vendida, a outros comerciantes que a exportam directamente ou a entregam a exportadores que a negociam com o estrangeiro.

Para o carvão de lenha, quase sempre a venda é feita directamente do proprietário para o comprador, que a levanta da propriedade em espécie, ou a transforma em carvão.

22 - Para a cortica a única modificação a efectuar será no sentido de beneficiar o produtor evitando, de qualquer forma, a passagem deste produto por tantos intermediários até chegar ao fabricante ou ao exportador.

Para a lenha e carvão, no seu sistema de exploração e comércio, nada há a modificar. Parece-nos, no entanto, que os

proprietários devem defender-se dos carvoeiros, sem escrupulos, fiscalizando devidamente as cortes no arvoredo, quando estas operações sejam feitas por conta destes.

III - ARBORIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO CULTURAL-INCULTOS E BALDIOS

A - Transformação cultural

25 - Os povoados florestais podem considerar-se bem localizados quanto a solo e clima, pois todos eles, nomeadamente os de sôbro e de pinhal, vegetam espontâneamente em todo o concelho, em boas e regulares condições.

As espécies florestais que se encontram têm uma propagação e desenvolvimento vegetativo que indica terem encontrado um solo e um clima que lhe são próprios.

Por observação direta não nos parece existirem razões que nos levem a propor a substituição da cultura florestal pela agrícola em grandes zonas. Evidentemente que alguns locais que sejam apropriados à cultura regada e a olival e em que as condições de existência das espécies florestais sejam mais ou menos precárias, poder-se-á economicamente propor tal substituição.

Pelo contrário, existem no concelho variadas parcelas em que a cultura arvense de sequeiro tem uma exploração deficitária, pelo que muito melhor ficariam entregues à cultura florestal.

Haveria mesmo, talvez, vantagem imediata em arborizar algumas dessas solos que são de nítida optidão florestal.

Quanto ao obstáculo que tal empreendimento faria aos

efeitos da erosão, desnecessário se torna encarecer-lo.

B - Incultos

24 - Além dos incultos de pequena área espalhados por todo o concelho (pequenas parcelas onde existe a rocha à superfície e cuja única utilização será talvez a cultura florestal), encontram-se também extensos áreas junto à costa formando dunas que na sua maioria se encontram despida de arvoredo. já no número 13 falamos deste assunto.

A percentagem dos incultos não excede 5% da área total do concelho, mas a sua importância relativa está na existência da faixa costeira e nos inconvenientes que tem para os terrenos marginais a sua natureza.

25 - A valorização desses terrenos será apenas feita à base da sua arborização nos locais onde a mesma seja viável, e que, certamente, será na sua maioria.

26 - Não haverá qualquer dificuldade de ordem social na sua arborização, mas apenas de ordem técnicas e económicas.

Deverá ser dada assistência técnica e financeira da parte do Estado para concretamentos destas ordens visto que o proprietário só por si não poderá arcar com tais despesas, nem sabe muitas vezes como iniciar tais trabalhos.

C - Baldios

27, 28 e 29 - Não existem quaisquer terrenos baldios,

ou reconhecidos como tais, que mereçam referência.

IV - PRAIAÇÃO DOS TERRENOS EROSIONADOS - CORRIDA TORRENTIAL

30 - Como em todo o país, existe neste concelho a erosão de natureza lacunar ou superficial, que abrange grandes áreas e tem, por vezes, mas não com tanta acuidade como no vizinho concelho de Odemira, aspectos de relativia gravidade. Esta diferença baseia-se principalmente no maior revestimento dos terrenos deste concelho e na menor inclinação das suas vertentes.

A erosão nota-se com mais frequência nas freguesias serranas e nos terrenos que têm sido arrestandos e cuja inclinação nunca permitiria tais trabalhos.

A única solução para evitar esta espécie de fenómeno é a arborização com o correspondente revestimento de matos, pois se tal não se fizer, em breve estes terrenos não terão mais à superfície do que a rocha.

31 - Também em áreas mais restritas existe erosão profunda ou ravinada, sobretudo nas vertentes junto ao leito dos principais cursos de água. O aspecto que apresentam é de sulcos profundos, certamente provocados pela velocidade das águas das torrentes que vêm desaguar nos rios e ribeiros.

32 - As causas que provocaram esses fenómenos foram as seguintes: 1º falta de cobertura florestal e de matos (solo degradado, ou com lenta e difícil reconstituição); 2º redução das secções dos cursos de água.

53 - Os efeitos causados pela erosão profunda são: os assoreamentos locais (mais numerosos) e os assoreamentos longínquos (bacia hidrográfica do rio Sado).

54 - As obras para estabilizar os fenómenos de erosão profunda, deviam ser executadas com sebes e estacasrias. Todas as margens dos rios ou ribeiras, deveriam ser plantadas com espécies adequadas e colocação de estacaria, para evitar o seu desmoronamento.

V - ASSUNTOS DIVERSOS

55 - O pinheiro bravo, única espécie existente no concelho capaz de produzir madeiras, não se encontra actualmente em condições de a poder fornecer, mesmo para a indústria local, e apenas nas freguesias de Santa Cruz, Santo André e Santiago do Cacém, existe arraio que poderá dar barretas e viga para consumo desta indústria.

56 - Não existem quaisquer viveiros florestais, quer particulares, quer do Estado.

57 - A não ser o rio Sado e a ribeira de Campilhas, todos os outros rios e ribeiros são de carácter temporário e por esse motivo não podem servir para serem povoados de peixe. Nas e algumas ribeiras onde ainda existia desapareceu por motivo das repressas que foram feitas para a cultura do arroz.

Nos locais onde ainda existe algum peixe, encontram-se o barbo, a enguiça, a boga e o bordalo e nas lagoas de Santo André e da Senhora, há também peixe mas de água salgada.

58 - Nos pinheiros aparece, com frequência, a processional e o tronctes pini. Os sobreiros são atacados pela cobri lha, burgo, limântria e ainda algumas pela Endothya parasitica. As azinheiras são atacadas pelo burgo.

também aparece a doença da tinta nos castanheiros.

39 - Com exceção do pinhal, que sofreu durante a guerra um grande derrota, não se notam grandes devastações de arvoredo. O sobreiro e a azinheira, em relação a outros concelhos, têm sido relativamente pougados.

40 - Nos locais onde se faz resinação, e actualmente não poucos, esta é razoavelmente conduzida, mas a sua importância no concelho é diminuta.

41 - As podas do azinho e do sobreiro são, de maneira geral, bem conduzidas, não se podendo afirmar, no entanto, que não se encontrem algumas desvandas sobre em pequeno percentagem. O concelho prima por apresentar o seu arvoredo bem lixado e sem exageros no corte dos ramos.

42 - O descortiamento também se pode considerar bem conduzido, sobre com certas restrições, sobretudo no que diz respeito à forma como é feito, tiragem em 2 e 3 meses, na mesma árvore com os inconvenientes de carácter técnico e económico que a seguir apontamos. As despudas fracionadas ou mensais agravam sobremaneira a crise do descortiamento, pois se sucedem a intervalos mais curtos, não deixando, portanto, a árvore refazer-se da despuda anterior, como sucede com a exploração em pau batido. Quanto à parte económica, torna-se também precária, pois muitas ve-

zes o tirador sobe a uma árvore com o intuito sómente de lhe tirar poucos mais de um palmo de cortiça com um dispêndio de tempo que não é compensado pela cortiça extraída.

43 - Salves na zona serrana do concelho fosse de admitir o aumento do número de anos de criação da cortiça, com o fim de melhorar a qualidade e podermos ter cortiças adequadas a outros fins mais resaneradores, mas só nesses casos pois na parte restante do concelho a cortiça não aumentaria as suas qualidades por esse facto.

44 - Sómente em grandes crises de pastagens se lançaria o uso da folha do sobreiro para alimento do gado. Não existe qualquer escassez adequada ao fornecimento de pastos arbóreos.

A título elucidativo anunciam-se as propriedades que se encontram sujeitas ao Regime Florestal de Simples Policia. São elas: Cariola e Carreira, Quinta de Gorxa, Fontainhas e anexas, Olivalva, Várzea Grande e anexas e Monte Branco da Serra pertencentes a José Joaquim Fernandes, Carlos Parreira Infante de Lacerda, Manuel António Lampreia, Manuel Coelho Fernandes, António Marin Figueiredo e José Inácio do Ó, com as áreas respetivamente de 637, 2.117, 422, 579, 756 e 279 hectares.

TERCERA PARTE

OS PROBLEMAS DO CONCELHO

Calcula-se que a cultura agrícola não atinge 50% da área total do concelho, da qual apenas 900 hectares, aproximadamente, são de regadio.

A superfície restante está inculta ou explorada florestalmente, na sua maior extensão, por montado de eixo, seguido, a grande distância, por azinheira, pinhal bravo e masso, etc., e apresenta dois problemas fundamentais a resolver: um de ordem social e outro de carácter económico.

Ao primeiro, está ligada a distribuição de mão de obra ao longo do ano agrícola e a solução do desemprego rural permanente no concelho e, segundo, o baixo rendimento fundiário médio, por unidade de superfície.

Para solucionar estes problemas básicos torna-se necessário solucionar os que lhes dependem directamente, os quais, em síntese, podem, assim, enumerar-se:

- I - Conservação do solo
- II - Arborização
- III - Águas
- IV - Disciplina cultural
- V - Materia orgânica
- VI - Construções rurais
- VII - Indústrias agrícolas

I - CONSERVAÇÃO DO SOLO

O problema do arrastamento do solo não atinge, aqui, a acuidade que reveste em outros concelhos do Baixo Alentejo, contudo, não deixa de apresentar relativa gravidade, pois em todos os solos (florestais, agrícolas ou incultos) há a considerar, com maior ou menor intensidade o efeito dos vários agentes erodentes.

Se exceptuarmos pequenasunchas da zona calcárea, dos aluvíes da bacia do rio Sado e da Lagoa de Santo André e alguns pomares e hortas, a maior parte da superfície do concelho está sujeita a intensa degradação, proveniente da ação direta do homem e dos agentes erodentes, tanto de origem física como biológica.

As margens dos cursos de água onde afluem volumosos e rápidos caudais, que transbordam dos leitos normais e arrastam consigo os materiais susceptíveis de serem desagregados e que se opõem à sua livre passagem também sofrem intensa ação de desgaste.

Onde a degradação se faz sentir mais é na zona serrana, desarborizada, sujeita a cultura ervense de sequeiro, com poucos cursos e pendor relativamente acentuado.

O problema da conservação do solo apresenta-se, pois, com maior interesse, sobretudo nos seguintes locais:

- parte serrana da zona do Cereal;
- parte serrana desarborizada dos cursos superiores

das ribeiras de Campilhas, de S. Domingos, de Corcna, do Livramento e do Azinhal;

- parte serrana arborizada com dominância de associações florísticas degradantes;
- faixa arenosa insulta ou de longos pousios do litoral.

II - ARBORIZAÇÃO

1.) Nas cabeceiras das Linhas de Água e outros

Para obstar à despidação dos solos desnudados ou de fraca densidade vegetacional e, ainda daqueles onde se pratica a cultura sob-coberto, torna-se necessário proceder à sua florestação e condicionar a existência do sub-boque, tomando-se em linha de conta que a cultura de amoreiras é a que maior superfície ocupa; deante modo, devem procurar-se as associações florísticas mais concorrentes com a vida do sobreiro, tendo em vista a valorização comercial da cortiça.

O repovoamento florestal com sobreiro deve fazer-se nas encostas da zona acidentada, com azinheira, sobreiro e eucalipto (este em limitadas parcelas de terreno) na zona piana do interior.

Para as duas primeiras espécies justifica-se a preferência pela sua perfeita adaptação ao solo e por permitirem a existência de manta viva, circunstância última que não sucede com o eucalipto embora este se caracterize por rápido crescimento e

pessa, ao contrário das outras, fornecer madeiras compridas de construção, das quais a região é deficitária.

2) - Nos solos arenosos litorâneos

É indispensável protegerem-se as culturas da zona interior dos ventos do mar, e valorizar os solos novadiços e inestáveis, tornando-se, pois, necessária uma cortina de abrigo junto à costa (principalmente com edéias ou pinheiros).

III - ÁGUAS

O problema das possibilidades de aproveitamento dos recursos aquáticos, na beneficiação de alguns solos com aptidão cultural, para a exploração em regadio apresenta-se sob os seguintes diferentes aspectos:

Representante

- Na primeira parte deste trabalho foram descritas em pormenor as possibilidades de armazenamento de água durante a época das chuvas, tornando-se importante o alargamento da área actualmente regada devendo levar-se a efeito, em alguns dos principais cursos de águas, a construção de albufeiras e açudes, que no todo junto podem submeter ao regadio cerca de 2.300 hectares, excluindo a área beneficiada por algumas obras já em curso. A título sazentrante informativo dá-se uma nota da localização destas obras nos seguintes cursos de águas;

- ribeira do Azinhal - albufeira de alvenaria para beneficiar cerca de..... 180 ha.
- ribeira do Barranco - albufeira de alvenaria para beneficiar cerca de..... 100 ha.
- ribeira do Corona - albufeira-açude para beneficiar cerca de..... 400 ha.
- ribeira de S. Domingos - albufeira para beneficiar cerca de..... 180 ha.
- ribeira do Ribeirinho⁽¹⁾ - albufeira para beneficiar cerca de..... 100 ha.
- ribeira do Roxo - albufeira para beneficiar cerca. 200 ha.
- ribeira de S. Romão - albufeira para beneficiar cerca de..... 1.200 ha.

Enxugo da Lagoa de Santo André

Para levar o seu actual leito à exploração agrícola e recuperarem-se cerca de 350 ha. de terrenos de boa fertilidade, é indispensável efectuarem-se obras de enxugo

Pesquisas hidrogeológicas

Estamos convencidos que o sub-solo do concelho, em determinadas manchas ou zonas, tem grandes possibilidades hidroló-

⁽¹⁾ - A ribeira do Ribeirinho é um afluente da ribeira de S. Domingos.

gicas, que suportariam a vega de numerosos núcleos; contudo esta suposição carece ser confirmada, por meio de sondagens pesquisadoras. A título exemplificativo indicamos as suas localizações e prováveis nas seguintes grandes manchas:

- areias do litoral
- quase toda a zona mais plana do Cercal
- areias do interior nas proximidades das povoações de S. Domingos, Alvalade, Abela, Ermidas, etc.

Regulamentação da rega na ribeira de S. Romão

Devido ao incremento tomado, nos últimos anos, pelas culturas regadas nas margens da ribeira de S. Romão, nascêda influência do Posto de Culturas Regadas de Alvalade torna-se necessário proceder à regulamentação da rega, pelo menos, enquanto não é possível a construção de uma albufeira, que armazene a água indisponível para satisfazer às necessidades das actuais culturas.

IV - DISCIPLINA CULTURAL

Fomento frutícola

O concelho apresenta relativo interesse para a cultura frutícola, mas, é no limite das zonas agrárias dos caledeiros e das areias do litoral e em quase toda a área da do Cercal, que o seu fomento oferece mais êxito.

Na primeira dasquelas zonas, os pomares de citrinos extremos, ou em consociação arbórea ou frutícola, ocupam áreas relativamente importantes, que já no inquérito efectuado pela Direcção dos Serviços de Agricultura em 1894 se computavam em 116 hectares. Esta superfície não deve ter diminuído e apresenta até possibilidades de alargamento.

Quanto à segunda e no que respeita à freguesia do Gerusal, ainda não há muitos anos, era ela importante centro produtor de frutas, exportadas para muitos mercados consumidores, principalmente de Sines e de Lisboa.

As principais espécies de fruteiras eram: o pessegoiro, a macieira e o castanheiro, que na altura do referido inquérito de 1894 cobriam a área de 41 hectares, aproximadamente, dos quais 18 hectares pertenciam a soutos ou castanheiros dispersos. Nojo, a superfície ocupada pelo castanheiro é mínima.

As culturas da figueira e da oliveira oferecem grandes perspectivas, aquela na valorização dos solos arenosos do litoral e interior, destinando-se a produção à indústria do álcool, alimentação do gado ou passa, esta na valorização das encostas nos inclinadas e abrigadas da zona serrana pelo aumento de rendimento fundiário daqueles solos tipicamente florestais e uma vez que o seu produto, aqui, não é de superior qualidade.

Extensificação de algumas culturas arvenses e arbustivas

Por razões económicas deve fomentar-se o alargamento, principalmente, das seguintes culturas: milho, batata, luzerna e

serradela, destinando-se as três primeiras a entrar em rotação e conjuntamente com outras, nas terras regadas ou que mantêm certa humidade ou lentura, durante o ciclo evolutivo da cultura; a última, deve introduzir-se, judiciosamente nas rotações correntes dos solos de textura arenosa ou mesmo franco-arenosa.

Como cultura valorizadora dos solos de fraça e mediana fertilidade, indica-se a que possui a característica importante de necessitar, com curta regularidade, abundante mão de obra ao longo do ano, funcionando, assim, como grande reguladora das crises de desemprego rural, dominantes nas regiões de cultura cerealífera de cequiço.

Introdução de culturas

Tendo em conta as características agroécologicas de grandes extensões de terreno e as futuras possibilidades de rega, julga poder indicar-se a introdução, com possibilidades de êxito, das seguintes culturas: beterraba sacarina, linho e amendoim.

Para as duas primeiras, dispõe o concelho de extensas áreas de terreno regado, ou a regar por meio de futuras obras, situadas nos férteis aluviões marginais dos seus cursos de água.

Para a cultura do amendoim há as terras arenosas frescas e regadas do litoral e do interior, muito numerosas e constituidas, em geral, por pequenas parcelas que podem servir de base econômica às pequenas e médias explorações.

V - MATERIA ORGÂNICA

Este problema embora esteja ligado ao seguinte e importante de considerar particularmente, porque se exceptuarmos algumas pequenas hortejos regados, junto às habitações, e uma ou outra folha extrusada a barro, a grande percentagem dos terrenos é cultivada sem incorporação de matéria orgânica, e tendo como base o pouso prolongado e a adubação química.

Estas circunstâncias torna-se necessário procurar o equilíbrio indispensável entre a área cultivada e a produção de matéria orgânica, através dos seguintes modos:

- aproveitamento conveniente do estrume do curral
- aumento dos efectivos pecuários
- preparação de estrumes artificiais recorrendo se tanto for necessário à cultura de matos
- introdução nas rotações de cultura para feiras
- " " " " " " sideran

VI - CONSTRUÇÕES RURAIS

O problema da construção rural sobretudo de silos e ninfeiros é comum a quasi todo o Alentejo. Não pretendemos fazer a apologia descabida destes elementos de valorização. No entanto não queremos deixar de escentuar a necessidade que existe em dar- a o verdadeiro impulso à resolução do problema, dadas as caracterís-

ticas agro-pecuárias do concelho. Crises acentuadas de alimentação para o gado e deficiências notáveis de fertilização orgânica que o adubo químico não supre completamente.

A construção de estabulos, ovis, etc. torna-se também a mais instante, sobretudo se forem concluídas as obras já iniciadas no concelho que irão tornar possível levar ao regadio alguns milhares de hectares.

VII - INDÚSTRIAS AGRÍCOLAS

Com o objectivo de diminuir o preço de custo dos produtos agrícolas que sofrem transformação industrial antes de chegar ao consumidor, e garantir maior estabilidade na sua comercialização julga-se que seria vantajosa a instalação de algumas cooperativas tais como:

De descascque de arroz

O incremento tomado nos últimos anos pela cultura do arroz e a perspectiva que apresenta quanto ao futuro, com a entrada em serviço das albufeiras em construção (não falando já nas que são sugeridas neste trabalho), justifica a instalação dum descascque de arroz nas proximidades das ribeiras affluentes do rio Sado e que atravessam o concelho.

O êxito deste empreendimento está assegurado pela actual colheita que se aproxima de 3 milhões de quilos.

Preparação de farinhas alimentares para gado

Com os bagaços das várias indústrias agrícolas (azeite, vinho, nozagem, etc.) frutas do sobreiro e azinheira e de algumas cereais (milho, trigo, aveia, cevada, etc.) poder-se-á instalar uma próspera indústria de alimentos concentrados para gado, com enorme reflexo na economia pecuária do concelho e talvez com possibilidade de exportação.

Outras indústrias

Além das apontadas, outras indústrias agrícolas podem ter carácter cooperativo, como por exemplo: lagares de azeite, nozagens de ramas, etc.

VIII - DIVERSOS

Há no concelho outros problemas, além dos apontados, que pedem urgente solução, mas que pelas suas características, são considerados gerais a quase todo o País. São eles:

- assistência financeira
- assistência técnica em geral e fitopatológica em particular
- regulamentação dos contratos de arrendamento
- " " " " " parceria
- comércio da produção fruteira
- organização associativa da lavoura.